

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

**INQUÉRITO AGRÍCOLA
E
FLORESTAL**

CONCELHO

DE

SINES

1951

INSTITUTO DE GESTÃO E ESTRUTURAÇÃO FUNDIÁRIA

BIBLIOTECA

N.º 2835 Ref. 8

Folha n.º

PLANO DE FOMENTO AGRÁRIO

INSTITUTO NACIONAL DE COLEGIOS PROFESIONAIS

A.O.

CONCEBIDO DE GERAL

Realizado por:

Vitorino Cerdoso Valente - eng. agrônomo

DGD Rural	D.S. Plano de Alves Ferreira DDTI	- eng. silvicultor
Monografia n.º	18891-Vol 124	
Data de Entrada	26/6/06	
COTA		- 1061 -

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE: INFLUÊNCIA AGROÉCONOMICO

I - CARACTERÍSTICAS GERAIS	Pág.
A - <u>Situação</u>	2
B - <u>Características fisiográficas</u>	3
a) - Topografia	3
b) - Geologia e agrologia	4
c) - Zonas agrárias	5
C - <u>Lagos</u>	7
a) - Cursos de água	7
b) - Lagos	10
c) - Outros recursos aquíferos	11
D - <u>Vias de comunicação</u>	12
a) - Vias a construir	12
b) - Encargos de transporte	12
II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA	
A - <u>Culturas e técnica cultural</u>	14
a) - Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades	14
b) - Afolhamentos e rotações tipos	23
c) - Técnica cultural	26
B - <u>Materia orgânica</u>	32
a) - Estrumes	32
b) - Lixos	35

c) - sideração	37
d) - Guano	38
c - Máquinas e alfaiaas agrícolas	38
D - Doces e drags	40
E - Indústrias agrícolas	40
a) - Oleícola	42
b) - Vinícola	42
c) - Indústrias derivadas da fruta e de prodútos hortícolas	44
d) - Apicultura	46
e) - Sericicultura	46
f) - Indústrias agrícolas de carácter familiar..	46
g) - Outras Indústrias agrícolas	46
F - Quantidade e valcores	47
a) - Quantidades unitárias de semente	47
b) - Produções unitárias médias	48
c) - Equivalência das medidas concelhias	50

III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - <u>Produtos que o concelho consome e não produz ...</u>	51
B - <u>Produções locais em quantidade insuficiente</u>	51
C - <u>Produções em excesso</u>	51
D - Produtos importados, necessários à indústria agrícola	51

IV - comércio dos PRODUTOS AGRÍCOLAS	52
A - <u>Modalidades</u>	52
B - <u>Mercados de destino e suas tendências</u>	53
C - <u>Ação dos organismos associativos</u>	54
V - TRABALHO AGRÍCOLA	
A - <u>Salários</u>	55
a) - Valor médio dos salários agrícolas e suas variações ao longo do ano	55
b) - Horário normal de trabalho e tempo médio ativo	56
B - <u>Movimentos migratórios periódicos</u>	57
C - <u>Crises de trabalho</u>	57
VI - PROPRIEDADE E EXPLORAÇÃO	59
A - <u>Tipos de propriedade</u>	59
B - <u>Valores venais médios</u>	61
C - <u>Formas de exploração</u>	62
VII - CONSTRUÇÕES RURAIS	
A - <u>Silos</u>	66
B - <u>Bitreiros</u>	68
C - <u>Alojamento de animais</u>	68

SEGUNDA PARTE: INQUÉRITO FLORESTAL

I - IMPACTO FLORESTAL DO CONCELHO	71
A - <u>Importância e situação dos maciços florestais ..</u>	72
B - <u>Importância das essências dispersas ou constituindo povoamentos de área muito reduzida</u>	74
C - <u>Importância económica e social da silvicultura..</u>	75
II - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL	
A - <u>Conceito regional da extensão da propriedade florestal</u>	79
B - <u>Réplica cultural empregada</u>	81
C - <u>Exploração</u>	82
III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL - INCULTOS E BALDÍOS	
A - <u>Transformação cultural</u>	91
B - <u>Incultos</u>	91
C - <u>Baldíos</u>	92
IV - PIXAÇÃO DOS TERRENOS EROSIONADOS-CORRECÇÃO TERRACEIAL	94
V - ASSUNTOS DIVERSOS	98

TERCEIRA PARTE: OS PROBLEMAS DO CONCELHO

GENERALIDADES	102
---------------------	-----

I - NÃO DE OEDA	102
II - CONSERVAÇÃO E DEFESA DO SOLO	103
III - ÁGUAS	
<u>Corresamento</u>	104
<u>Defesa e enxugo da foz da ribeira de Moinhos</u>	104
<u>Fícias subterrâneas</u>	106
IV - DISCIPLINA CULTURAL	106
V - ARBORIZAÇÃO	106
VI - MATERIAIS ORGÂNICOS	107
VII - DIVERSOS	108

000

P R I M E I R A P A R T E:

I N Q U E R I T O A G R O N Ó M I C O

I - CARACTERÍSTICAS GERAIS

A - Situação

Na parte mais ocidental da província do Baixo Alentejo, situa-se o concelho de Sines, confinando:

- a Norte e Nascente, com o de Santiago de Cacém;
- a Sul, com o de Odemira e
- a Poente com o mar.

Tem a área de 18.984 Ha., constituindo uma só freguesia.

B - Características fisiográficas

a) - Topografia

Do ponto de vista orográfico encontram-se duas zonas distintas: uma, acidentada, no limite nascente do concelho com o de Santiago de Cacém, que apresenta declives mais ou menos pronunciados e de aspecto uniforme, cumes arredondados e vales, por vezes, muito apertados; a outra, plana, situa-se mais próximo do mar e ocupa a restante superfície do concelho; é cortada por algumas linhas de água que têm origem na zona anterior, correndo em vales fundos e de encostas mais ou menos abruptas, as que desaguam na costa Sul e de margens suaves as que se dirigem para a costa Norte.

A área do concelho, distribui-se pelas diferentes zonas, da seguinte forma, aproximadamente:

zona acidentada....	3.888 Ha. ou 18%
zona plana.....	<u>16.312</u> Ha. ou <u>82%</u>
Total	19.900 Ha. ou 100

A altitude máxima, 216 m., encontra-se na zona acidentada, ao Km. 58 da estrada de Santiago a Odemira, junto ao Monte da Fonte Alegre; e de cota mínima, nas praias do litoral, correspondendo, ao conjunto do concelho a cota média aproximada dos 60 metros.

Para cada zona orográfica, considerada separadamente, as cotas distribuem-se:

1)-zona acidentada

cota máxima, junto ao Monte da	
Fonte Alegre.....	216 m.
cota média.....	140 m.
cota mínima.....	62 m.

2)-zona plana

cota máxima, junto ao ponto	
trigonométrico dos Chilos.....	107 m.
cota média.....	45 m.
cota mínima (nas praias do lito-	
ral).....	0 m.

b)-Geologia e agrologia

Encontram-se as seguintes formações geológicas:

Plioceno.....	12.550 Ha.	ou 62,00 %
Carbónico inferior.....	5.869	" " 20,56 "
Moderno		
sendo	(Dunas - 657 Ha - 3,3%)	657 " " 4,00 "
	(Aluvial - 140 Ha - 0,7%)	
Jurássico inferior.....	60	" " 0,30 "
Porfirites.....	20	" " 0,10 "
Granitos.....	796	" " 4,00 "
Sienites.....	<u>8</u>	<u>0,04</u> "
	19.900	" " 100,00 "

Entre os riachos do carbónico inferior encontram-se os argilosos e os quartzosos, predominando os primeiros.

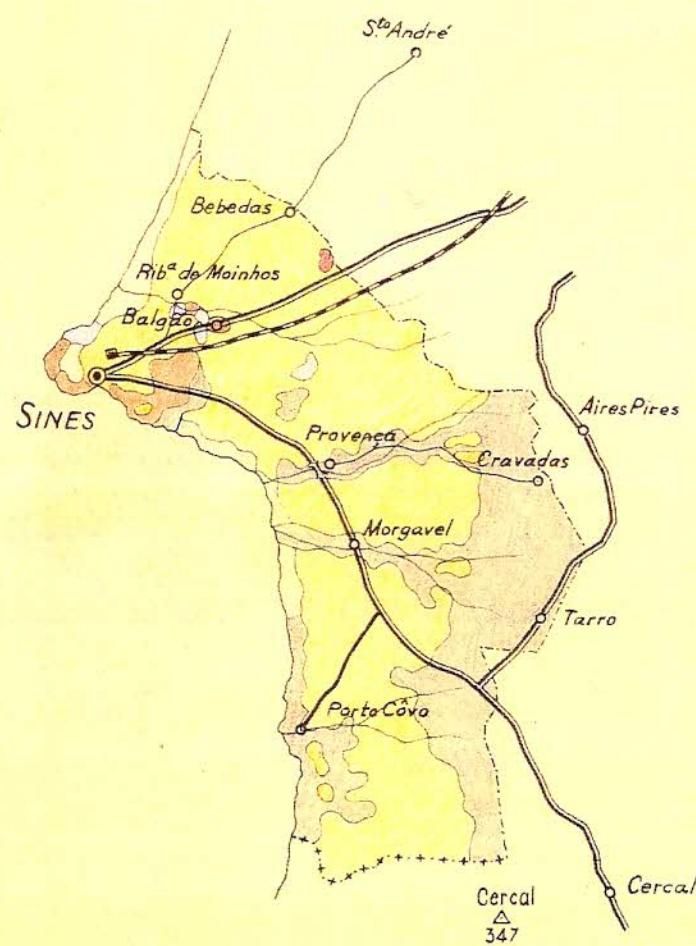
Se exceptuarmos as dunas do litoral e os aluviões das margens dos ribeiros os restantes solos são de formação local. Os da zona accidentada são normalmente pouco profundos, e os da zona plana, apresentam as maiores profundidades dominando, no entanto, os do tipo médio.

Quanto à sua textura pode dar-se a seguinte ideia:

Arenosos.....	12.557 Ha.	ou 63 %
Franco arenosos.....	4.179	" " 21 %
Franco.....	2.995	" " 15 %
Argilosos.....	<u>192</u>	<u>1 %</u>
	19.900	" " 100 %

CONCELHO DE SINES

ZONAS GEOLÓGICAS



- [Yellow square] Pliocénico
- [Light Brown square] Carbónico inferior
- [White square] Jurássico inferior
- [Reddish-Brown square] Granito
- [Red square] Porfirite
- [Orange square] Duna

Escala - 1:250.000

e)-Zonas agrárias

Do ponto de vista agrícola o concelho apresenta duas zonas distintas e algumas sub-zonas, definidas pela agrologia, situação topográfica e influência do clima, resultante da ação dos ventos dominantes.

Zona de "serra"

Abrange a parte Leste do concelho; é limitada pelo do Santuário do Cacém e por uma linha sínua que partindo do Vale Canadas, ao Norte, passa junto do Monte do Castanheiro, Monte Agudo, Monte Caio, Ponto da Chaminé e termina na Sonega, no limite com a freguesia do Cereal, do referido concelho.

Os solos são de formação local, de texture argilosa e quartzosa e assentam na formação do carbonífero inferior.

São explorados pelo mentado de sôbro, por pequenas parcelas de eucaliptal e culturas arvenses de sequesiro (trigo, cevada, milho, aveia).

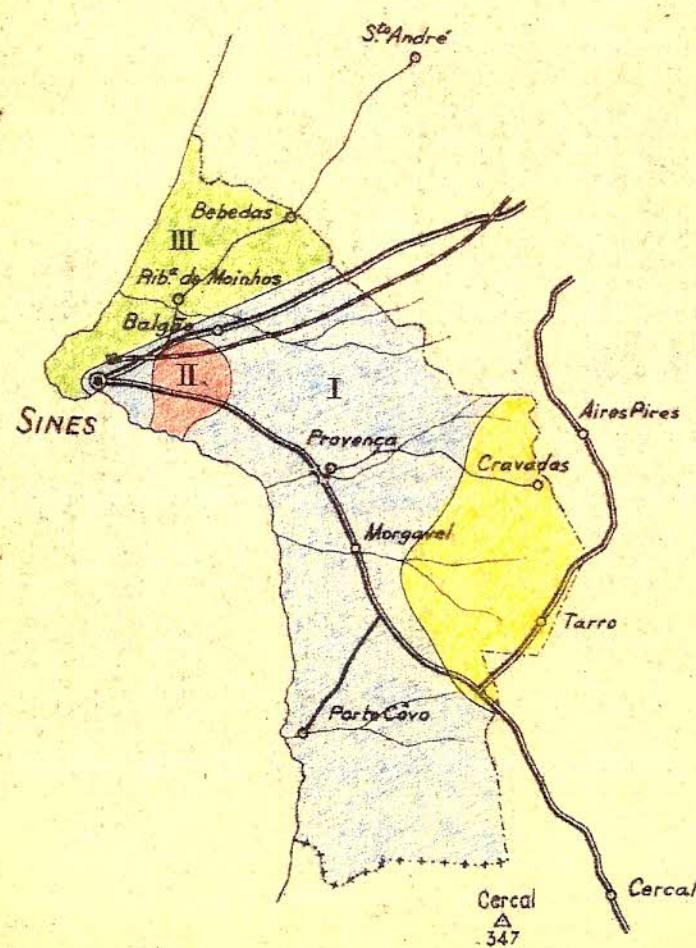
Zona plana, de "charneca" ou das araias

Ocupa a parte restante do concelho e pode dividir-se, ainda, em três sub-zonas bem diferenciadas:

- a da Costa do Norte
- a da Costa do Sul

CONCELHO DE SINES

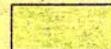
ZONAS AGRÁRIAS



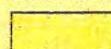
Zona plana I - sub-zona da Costa Sul



» II - » dos Chaões



» III - » da Costa Norte



Zona accidentada

Escala - 1:250.000

- a dos granitos, na mancha designada por "chãos".

Os solos são de formação local nas as margens de alguns cursos de água e as dunas costeiras, resultam de materiais transportados doutros locais.

Aparecem, aqui, as seguintes formações geológicas: - plioceno, quaternário, carbónico inferior, granitos, jurásico, etc.

Os solos têm a seguinte utilização, por ordem decrescente de área ocupada: cultura agrícola de sequeiro ou regadio, cultura florestal de pinhal e sobreiro, arbustiva de vinha e incultos ou maninhos que fornecem magra pastagem.

Na área de cultura agrícola domina a arvense de sequeiro -- trigo, cevada, aveia, milho, centeio, fava, ervilha - porque o regadio se resume a pequenas hortas e ao arroz ocupando este as margens dos cursos de água, que na época de estiagem disponham de caudais suficientes.

A área florestal é ocupada, na sua maior extensão, pelo pi-anheiro bravo, porque o sobreiro só reveste as encostas, afastadas do mar, dos ribeiros mais importantes que apresentam, em regra, um contínuo declive. Indiferentemente distribuído, aparece o eucalipto ocupando pequenas parcelas.

A área de cultura arbustiva economicamente mais interessante é a da vinha.

No sub-zona da costa Norte, a cultura florestal e os incultos ocupam a sua maior extensão.

7

Para obstar à agressividade dos ventos do mar sobre as culturas primaveris-estivais importa instalar abrigos temporários ou permanentes.

No sub-zona da costa Sul, menos batida pelo vento que a sub-zona anterior, domina a cultura arvense de sequeiro, que por se encontrar naturalmente abrigada não necessita de defesa por meio de abrigos artificiais.

A sub-zona dos granitos diferencia-se das restantes pela ausência de culturas lenhosas e pela maior intensificação cultural, proveniente da eliminação dos pousios e do encurtamento da rotação das culturas.

A superfície do concelho distribui-se, aproximadamente, pelas diferentes zonas, da forma seguinte:

- zona serrana	5.563 Ha ou 18%
- zona plana:	
- sub-zona Norte - 5.365 Ha ou 17%	
- " " Sul - 18.139 Ha ou 61%	18.139 Ha ou 61%
- " " chãos - 796 Ha ou 4%	
	19.000 Ha ou 100%

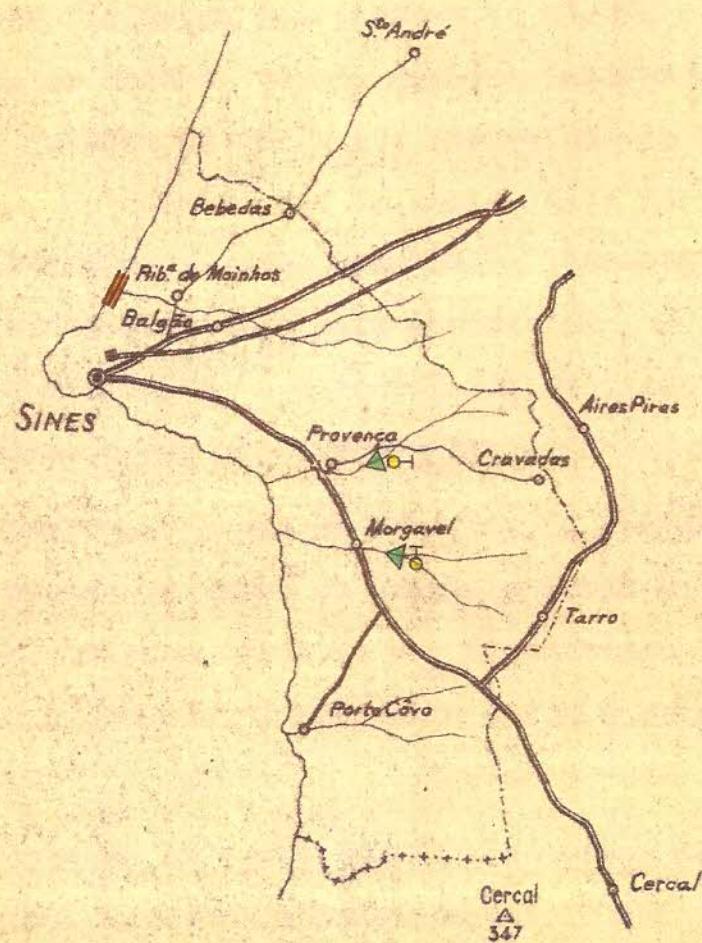
C - Águas

a)-Cursos de água

As águas da chuva que se escocam à superfície podem dirigir-se para as praias da costa do Norte ou para as do Sul.

CONCELHO DE SINES

APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS



Estações de bombagem



Albufeira



Dique para defesa da água do mar

Escala - 1:250.000

○

As ribeiras mais importantes da primeira dasquelas bacias fogam, junto ao mar, pequenas albufeiras de carácter permanente ou temporário e a sua descarga faz-se sómente durante alguns meses do ano. Por este motivo torna-se, por vezes, necessário proceder à abertura da duna que se forma junto à foz por ausência de caudal suficiente para a evitar, trabalho que geralmente fazem, no fim do Inverno, os proprietários confinantes ou alguém por eles, na lagoa da ribeira de Moinho, quando decejam iniciar os trabalhos preparatórios da cultura do arroz nas terras que se encontram submersas. Por vezes, as quantidades de chuva caída durante a quadra hibernal são muito grandes como sucedeu em 1950-1951, e tal trabalho é naturalmente efectuado pela própria água repressada. Neste caso perde-se, normalmente, o benefício da colmatagem com os materiais transportados e que não tiveram tempo de depositar.

A esta bacia pertencem as ribeiras da Ribeira e a do Moinho; a primeira, desagua na Lagoa da Sancha e serve de limite, na sua maior extensão, entre o concelho e o de Santiago do Cacém e a segunda, durante o Inverno, forma junto à foz o pequeno lago, já referido.

Para as praias da costa do Sul dirigem-se as seguintes ribeiras: Provença, Morgával e Burrinho.

São de regime permanente na parte inferior dos seus cursos:

- a ribeira de Moinhos: utilizada na rega de hortas e arrozais fornece força motriz e algumas azenhas.

No época da estiagem dispõe de água para os regadios existem

tentes na parte inferior do seu curso, podendo a área actualmente regada aumentar se as disponibilidades actuais forem convenientemente aproveitadas, por adequada recuperação, ou por outra fórmula.

O aproveitamento da água deste curso faz-se por açudes, estações de bombagem ou, ainda, por simples derivação.

- a ribeira da Provença } Asseguram a rega de algumas hortas e arrozais, situados nas margens do seu curso inferior.
- a ribeira do Morgável }
- a ribeira do Burrinho }

Na época da estiagem os caudais destas últimas ribeiras são diminutos, motivo por que a área de arrozal não atinge, ainda, a extensão máxima aproveitável.

A rega das terras marginais faz-se por pequenos açudes ou simples derivações.

----- + -----

Os actuais sistemas de rega não necessitam de melhoramentos urgentes contudo, e com vista a futuros aproveitamentos, julga-se viável a construção de algumas albufeiras, localizadas nas ribeiras da Provença e Morgável; a sua água poderia submeter ao regadio a extensa planura que lhes fica sobranceira, mediante o establecimento de estações de bombagem.

Com a água destes represamentos pode submeter-se ao regadio área superior a 1.500 Ha, para os quais se julga não poder dispor todos os anos de água, em quantidade suficiente - depende das re-

tações - devido à reduzida bacia hidrográfica de cada uma das ribeiras (Morgável 5.200 Ha. e Provença 1.500 Ha.).

Na foz da ribeira de Moinhos torna-se necessário uma obra destinada a defender a entrada da água do mar durante as marés vivas, beneficiando as margens cultivadas daquela ribeira, numa extensão superior a 300 m., e que corresponde a área aproximada de 130 Ha., dos quais cerca de 35 são inútilos, devido ao elevado teor salino que os faz manter em sapal improutivo.

O tipo de construção deve ser tal, que permita o duplo efeito de defesa e represamento das águas de chuva, pois deste modo se facilitam a dessalga e a deposição dos natairos transportados de montante.

***** + *****

Todos os cursos de água necessitam de correção de margens, pelo menos em parte dos seus cursos e sómente os que desaguam na costa Sul estão sujeitos a intensa ação de transporte sobreira e na parte superior do seu curso.

b)-Lagos

Há, junto à costa do Norte e no limite com o concelho de Santiago de Cacém, uma pequena lagoa, encravada entre as dunas do litoral e sem qualquer aproveitamento agrícola. Apesar disso, o corte das obras de drenagem não deve justificar qualquer obra para futuro aproveitamento.

As outras duas lagoas têm carácter temporário, pelo que não interessa considerá-las aqui.

c) Outros recursos aquíferos

Com utilização na rega, sómente os poços merecem especialização, embora existam também algumas nascentes e minas.

Na generalidade, todos os poços necessitam ser melhorados no que respeita à profundidade e capacidade de armazenamento.

Os sistemas mais correntes de elevação da água, são:

- Balde e corda = para a água destinada a usos domésticos e rega de pequenas hortas
- Moto-bombas = 15 unidades
- Noras = 6 unidades
- Picotas = raras
- Aero motores = raras
- Electro-bombas = raras

Em relação à área total que beneficia da rega com água elevada, indicam-se, seguidamente, por ordem decrescente de importância os diversos sistemas elevatórios:

- Moto-bombas
- Noras
- Balde e corda
- Picotas
- Electro-bombas
- Aero-motores

Não o maior proveito em efectuar estudos hidrogeológicos em todo o concelho, para avaliar das possibilidades dos recursos aquíferos subterrâneos os quais aparentam ser elevados, principalmente em toda a zona plana.

D - Vias de comunicação

a)-vias a construir

Impõe-se uma que permita fácil acesso, em qualquer época do ano, ao lugar de Porto Covo, ficando o concelho depois deste melhoramento com uma rede de estradas satisfatória, atendendo, mesmo, às necessidades futuras. Esta via mede, aproximadamente, 5Km.

b)-Encargos de transporte

Encararam-se sómente os encargos dos principais produtos agrícolas transaccionados e dos necessários às várias actividades agrícolas, transportados como carga completa dos respectivos veículos, considerando estes sempre de aluguer.

O custo da jeira no concelho varia com a respectiva espécie utilizada e sempre, para um número de horas de trabalho limitado, que nunca é superior a 7 nem inferior a 6.

jeira suar.... 60\$00

jeira bovina.. 50\$00

Preços do transporte dos diferentes produtos por tonelada e/olômetro:

considerar-se-ão pelo menos as seguintes modalidades:

1)-transporte para percursos inferiores a 20 Km., utilizando sómente vias pavimentadas:

cereais, batata e adubos:

viaturas de tração animal... 1e50 a 4e00

camions até 3 T..... 8e00

* de maior tonelagem... 1e50

2)-transporte para percursos inferiores a 20 Km., utilizando qualquer via:

cereais, batata e adubos:

viaturas de tração animal... 2e00 a 6e00

camions até 3 T..... 2e50

camions de maior tonelagem... 1e50 a 2e50

3)-transporte para percursos superiores a 20 Km.:

cereais, batata e adubos:

viaturas de tração animal... 1e50 a 8e00

camions até 3 T..... 1e50

camions de maior tonelagem... 1e00

II - PRODUÇÃO AGRÍCOLA

A- Culturas e técnicas culturais

a)-Plantas cultivadas ou cultiváveis, sua importância relativa e finalidades

As principais plantas cultivadas neste concelho são as que abaixo se indicam, por ordem decrescente de importância, em cada um dos grupos considerados.

Quadro I

Importância económica relativa		
Grande	Regular	Pequena
Trigo	Vinha	Aveia
Milho	Arroz	Fava
	Cevada	Centeio
		Figueira
		Batata comum
		Batata doce
		Ervilha

***** + *****

Nas terras de arqueiro as culturas arvenses mais comuns são: trigo, cevada, milho, aveia, fava, centeio e ervilha. Em arqueiros frescos cultivam-se a batata comum, a batata doce, etc.

Nas hortas as plantas que ocupam maior área são: repolho, couve, nabo, couve, feijão, pepino, batata doce, batata comum.

----- + -----

Só a cultura do arroz oferece interesse como cultura de regadio; contudo, também se exploram maizes solos, o milho, a batata comum e, mais raramente, a fava.

----- + -----

A cultura da vinha aparece com certo interesse nas proximidades da sede do concelho, principalmente na zona designada da cunha do Norte; além deste arbusto encontra-se, mas com valor para a economia geral do concelho, o marmeleiro e a romãzeira..

----- + -----

Se exceptuarmos a figueira, as outras culturas arborícolas oferecem interesse muito limitado; no entanto ainda se vêem pequenos pomares de citrinos e, dispersos no meio das hortas e vinhas, a macieira, a pereira, a ameixeira, etc.

Com destino exclusivo à alimentação do gado, efectuam-se as seguintes culturas mais importantes:

Aveia = pela palha e grão e raramente como ferrojo

Cevada = palha e grão ou sómente ferrojo

Centeio = ferrojo

Milho, raro = milharada ou, mesmo, palha e grão

Fava = grão e palhas

----- + -----

Quase todas as plantas cultivadas permitem o aproveitamento, na alimentação do gado, dos seus produtos secundários cuja natureza é a seguinte:

Trigo e outros cereais = palhas e lindaduras.

Batatas comum e doce = ramas e os tubérculos de pequeno calibre.

Peljoeiro, ervilha e fava = ramas.

Tomateiro = ramas e frutos impróprios para consumo e a sua colocação remuneradora no mercado.

Videira = folhas e bagaços de vinificação.

Riqueira = folhas e frutos impróprios para consumo humano ou sem colocação no mercado.

----- + -----

As espécies arvenses cultivadas e que melhor adaptação encontram às condições do meio físico em geral, são:

Culturas arvenses de sequeiro

- 1) - Terras francesas e franco-arenosas, relativamente profundas = trigo, aveia, cevada, milho, fava, ervilha.
- 2) - Terras arenosas da costa do Sul = milho
- 3) - Solos arenosos frescos da costa do Sul = milho, batata doce, cana, batata doce, fava.

Culturas arvenses de regadio

- 1) - Solos argilosos e turfescos = arroz
- 2) - Solos franco-argilosos = arroz, milho, culturas hortícolas, etc.
- 3) - Solos arenosos e franco-arenosos = batata doce, milho, batata comum, culturas hortícolas.

Culturas arbustivas

A vinha encontra-se bem adaptada às condições do solo físico quando protegida, por cobres ou abrigos naturais, dos ventos norteiros de NO.

Culturas arborícolas

As espécies melhor adaptadas são, a figueira, a laranjeira e ameixieira e estas duas últimas só quando se encontram em exposições abrigadas dos ventos norteiros.

são desconhecidos quaisquer estudos relativos à solução do magnifico problema da escolha de variedades mais aconselháveis das espécies cultivadas em maior escala na região e que maior interesse económico oferecem.

No entanto, podem servir para orientação de estudos futuros, as características mais salientes e apreciadas das variedades mais difundidas.

Segue-se a enumeração, por ordem decrescente de importância, das variedades culturais das diferentes espécies mais importantes e que ocupam maior área cultivada na região, por manchas agrícolas, quando há diferenciação nítida.

Trigo

Mancha plana de Porto Covo, da Sonega e granítica = Rosa, Barbela e Luaderna

Mancha serrana de origem zistosa = Barbela, Mocho da espiga Branca

Mancha arenosa = Barbela.

Arroz

Vão indiferentemente em qualquer solo, com aptidão para esta cultura as variedades: Ponta Rubra, Allório, P.º. Chinês, Pragadeiro (esta em vias de desaparecimento, substituída, por qualquer das outras variedades que, embora mais sensíveis, não de maia elg

vada produtividade).

Fava

Grada (para consumo em verde) e nod

Ervilha

Anf e de trepar

Batata comum

Arran-banner, Erdgold, Kaisc, etc.

Como ficou expresso não se conhecem ensaios que permitam orientar a escolha das melhores variedades das espécies cultivadas mais importantes, pelo que se torna imprescindível cultivar algumas que aparentem vantagens sobre as existentes e verificar o seu comportamento relativo, tendo em linha de conta as variações que o meio físico pode oferecer de local para local.

Características mais importantes que as espécies mais cultivadas devem possuir:

Trigo

- Precocezidade

- Resistência às alforras, desgranação, secura e neve (quando destinada a solos de relativa fertilidade).

- Adaptação aos solos pobres.

Arroz

- Precocezade
- Resistência à secura, à desgranação, ao cloroto do sódio e outros sais indesejáveis, que porventura apareçam.
- Oferecer pouca sensibilidade aos fenómenos atmosféricos que possam surgir durante o período da antese.

Batata

- Precocezade
- Resistência ao mildio, à pinta ferrugenta e à secura quando destinada aos solos calcáreos.

Vinhos

- Galhos de raízes profundantes e de elevada resistência à secura.
- A instalação das vinhas pode efectuar-se de pé franco, em determinados solos, pelo que devem escolher-se as variedades de maior vigor.
- As variedades de *Vitis vinifera* destinadas a pé franco ou a enxertia devem ser resistentes ao mildio, ao oídio e ao desavio.

milho

- Precocezade

- Pequeno porte nas variedades destinadas às terras de sequeiro.

- Resistência à secura.

Forragens

- Rápido desenvolvimento

- Resistência à secura.

Laranjeira

- Maturação tardia.

----- + -----

Deve fomentar-se o alargamento da área cultivada de:

Ferrojos - (covada, aveia, centeio, milharada),

Milho, batata doce de sequeiro e regadio, batata doce,

Vinha, figueira, laranjeira, tremoço para sideração.

Com o alargamento da área de cultura das plantas indicadas procura-se conseguir o melhor aproveitamento das possibilidades agrícolas de muitos solos e, deste modo, obter o equilíbrio das rotasões com a introdução de forragens que tornem possível o consequente aumento do número de cabeças de gado e da matéria orgânica fertilizante a qual, por sua vez, permitirá maior intensificação

cultural, concorrendo para fazer frente ao desequilíbrio da distribuição de mão de obra ao longo do ano e à tendência para a degradação dos solos quando explorados em cultura de sequeiro.

Depois de efectuados os indispensáveis ensaios culturais, parece dever-se introduzir as seguintes culturas:

Porragens: - Serradela, berenjena, ervilhas, toje (para substituir a vegetação espontânea degradante do sub-bosques dos solos dos montados e doutros, em longos pousios, podendo fornecer pastagem, matéria verde para enterrar e para cama de gado ou, mesmo, na preparação de estrumes artificiais e que devemos juntar os benefícios inerentes a todas as leguminosas).

Ricino: - julga-se haver boas perspectivas de êxito para esta cultura oleaginosa se nesta zona manter a mesma adaptação ao meio que se verifica noutras semelhantes, situadas ao sul do Tejo.

Linho: - em invernação para certos solos destinados a arrozal e em cultura de sequeiro em determinados terrenos da sub-zona da costa do Sul.

Plantas medicinais e essenciais (alfazema, alecrim, rosmarinho, etc., etc.).

Julga-se não haver necessidade de eliminar qualquer das antigas culturas nas áreas actualmente explorada por pragas nos de sequeiro devido reduzir-se, devido à introdução de novas culturas e

ao alargamento da superfície de outras, as quais implicam o estabelecimento de rotações de mais longo ciclo.

Das modificações sugeridas resultará:

1)-melhor aproveitamento da capacidade produtiva de alguns solos.

2)-a tentativa para conseguir o indispensável equilíbrio agro-pecuário.

3)-aumento do rendimento fundiário do conselho.

4)-a tentativa de equilíbrio da mão de obra ao longo do ano, com possível eliminação, ou pelo menos decréscimo, do desemprego rural.

5)-aumento da potencialidade produtiva dos solos em via de degredação.

b)-afolhamentos e rotações tipos

1)-Terras arenosas de sequeiro da costa do Norte

1º ano = alqueire com milho

2º ano = trigo

3º ano = milho

4º ano = aveia

e pausie = 3 a 5 anos

2)-Terras xistosas da serra e outras da mesma formação geológica:

1º ano = alqueire ní ou com milho nas vagas ftes -

cas da folha de alqueire.

2º ano = trigo

3º ano = aveia ou cevada

4º ano = pastagem

Na grande e média propriedade ao 3º ano sucede-se 2 a 4 de pouso.

3)-Terras arenosas da costa do Sul

1º ano = alqueire com milho

2º ano = trigo de inverno

3º ano = trigo de inverno ou trigo trenêa

4º ano = milho

5º ano = milho

6º ano = cevada ou aveia

e pouso de 4 a 6 anos

Nos mesmos solos, explorados em regime de pequena ou pequena propriedade, o reponso não vai geralmente além dum ano de pastagem ou, mais raramente, de dois anos de pouso.

Se os solos deste tipo são explorados em regime de arrendamento a rotação mais comum nestas condições é:

1º ano = alqueire com milho

2º ano = trigo

3º ano = milho

4º ano = cevada ou aveia

e pouso, 3 a 6 anos

4)-Terras de origem granítica

1º ano = alqueive c/ milho - alq. c/ trigo trenha - alqueive c/ milho

ou	ou
----	----

2º ano = trigo	- ou trigo de inverno - trigo de Inverno
----------------	--

3º ano = cevada ou aveia - pousio	- cevada ou aveia
-----------------------------------	-------------------

4º ano = pousio	- pousio
-----------------	----------

5º ano = pousio	- pousio
-----------------	----------

ou ainda: alqueive com milho - 1º ano

trigo de inverno	- 2º ano
------------------	----------

trigo (trenha)	- 3º ano
----------------	----------

pastagem	- 4º ano
----------	----------

As actuais rotações não satisfazem à necessidade da manutenção ou, mesmo, do aumento de fertilidade dos solos, porque nela se predominam as culturas esgotantes; assim, devem modificar-se no sentido da introdução de culturas enchedoras e estruturadoras de fertilizações orgânicas, que podem ser obtidas pela encorpulação de estrume, de curral ou artificial ou pelo enterramento, em verde, de culturas destinadas a sideração.

É de evitar a cultura em anos se guidos de plantas pertencentes à mesma família botânica, pelo que deverão intercalar-se entre elas as forragens, de preferência leguminosas, as quais ao mesmo tempo que melhoram os solos, podem fornecer alimentos para o gado da exploração que permitirá, por sua vez, obter o desejado equilíbrio agro-pecuário, factor indispensável de uma só economia agrícola baseada na exploração de culturas arvenses de sequeiro.

Deste modo pode-se procurar eliminar os poucos, que ainda hoje gcupam extensa área.

Nas terras regáveis, não sujeitas a inundações periódicas na época das chuvas e exploradas exclusivamente com culturas primaveras-estivais pode, ou melhor, deve, introduzir-se a exploração de culturas hibernais de ferragens (bercina, azevén, trevos, etc.) e outras, como a fava, o linho, a batata, etc.

c)-Técnica cultural

Trigo

No Inverno precedente à cultura faz-se o alqueive, que consiste de arranque e escelta do mato, quando necessário, e duma lavagem de abrição seguida dum ferro cruzado, na Primavera, quando o terreno vai ser revestido com milho. Se o alqueive é só, este segundo ferro dá-se normalmente durante o Verão, para, dias antes da sementeira, se efectuar a distribuição de adubos, (superfósfato de cal de 12% à razão de 200 a 300 Kg. por Ha. e sulfato de amónio à razão de 75 a 100 Kg.) a que se segue uma gradagem e divisão do terreno por regos distanciados de 4 a 5 metros. Na região chama-se mão aos espaços compreendidos entre dois regos consecutivos.

Depois deste trabalho procede-se à semeadura, feita a lanço e o enterramento da semente faz-se com a charrua, deixando a terra arada em espigoados.

Quando se torna necessário manda-se uma ou, mais raramente, duas vezes; excepcionalmente efectuan-se adubações azeitadas em cobertura.

A ceifa é manual e a debulha é, correntemente, efectuada à máquina; no entanto, ainda há cultivadores que a realizam a trilho ou, mesmo, a pé de gado.

Milho

A cultura deste cereal é sempre precedida, de poucos dias, duma lavoura a gradagem. A semeadura é a lanço ou mais frequentemente no fundo do rego da lavoura de enterramento; depois desta efectuada, passa-se a grade.

A cultura do milho só beneficia dos pensios e dos alqueives, porque nunca é fertilizado.

Um mês a mês e meio após a semeadura procede-se à cacha, que simultaneamente inclui desbaste e amontão, trabalhos que na região se designam por cava.

Não se pratica normalmente o desbandeiramento; a desfolha e a debulha são manuais.

A cultura deveria ser precedida duma estrumação ou sideração, a semeadura em linhas e a fertilização localizada.

Arroz

Os proprietários das terras apropriadas à exploração das ta gramíneas não as cultivam directamente entregando-as de renda ou à raio em pequenas "parcelas".

Pelos manifestos de produção entrados na Comissão "reguladora"

ra do Comércio de Arroz em 1950 verifica-se que a ela se dedicam 125 explorações agrícolas.

Ao percorrer o concelho deduz-se não haver já grandes possibilidades de acréscimo; outro tanto não diremos da produção global, que pode aumentar, se a técnica cultural for modificada e as variedades escolhidas convenientemente.

Quadro II
Produção orixinaria, sua distribuição

Classes de produtores	Classes de produção kg.	Produtores		Percentagens em relação à pro- dução total
		nº	%	
pequenissimos	até 500	16	13,0	
	500 a 1.000	25	19,0	
	1.000 a 1.500	16	14,0	
		57	46,6	15,5
pequenos	1.500 a 2.000	19	14,0	
	2.000 a 2.500	8	6,5	
	2.500 a 3.000	7	5,6	
		36	26,7	24,7
médios	3.000 a 4.000	14	11,2	
	4.000 a 5.000	9	7,5	
	5.000 a 7.000	7	5,6	
	7.000 a 10.000	1	1,0	
	10.000 a 15.000	2	1,6	
		35	26,7	59,5
Totais		125	100,0	100,0

Quando um terreno entra pela primeira vez em cultura há que proceder ao seu ordenamento ou seja, resumidamente, à divisão em canteiros e respectivo nivelamento; os canteiros separam-se por pequenos muros, de largura variável.

A cultura propriamente dita consta da preparação da terra, que se inicia por uma lavoura ou cava, seguida de rebaixo, quando necessário. Poucos dias antes da sementeira procede-se a inundação dos talhos, a que segue uma gradagem. Se gue-se a sementeira a lanço, em local definitivo, procedida da aplicação de adubo (200Kg. de superfosfato de cal, de 18% e 100 Kg. de sulfato de amónio); não temos conhecimento de ser usada a plantação desta cultura.

Nos solos em que é necessário realizar três mordas e varzeamento se praticam menos de duas. Ceifa-se à mão e a debulha é efectuada a pé de gado ou, mais raramente, à máquina.

No primeiro caso realiza-se de noite, entre a meia noite e o Sol nascido ou pouco depois.

Vinha

A vinha enterra-se à vala ou ao covete, utilizando híbridos para mais tarde enxertar mas quase todas as plantações existentes são de pé franco.

Acabada a vindima procede-se à primeira fase da poda, regionalmente designada por astroncha, que consta de corte acros de todos os varas e eliminar o corte, a 6 ou 8 olhos, de todas a conservar até ao mês de Janeiro ou Fevereiro, em que serão de novo a

terracentadas, para ficarem sómente como talhos de 2-3 olhos.

A cava faz-se em montes, de Novembro a Janeiro, para na Primavera ser arrasada (gabandalha).

Quando principia o abrolhamento inicia-se a instalação de brigos protectores dos ventos mareiros, utilizando-se, para tal, a canico.

Fazem-se tratamentos edóricos e com enxofre destinados à luta contra o sifício e oídio.

Não varia as fertilizações orgânicas ou químicas.

----- + -----

A cultura do trigo deveria ser precedida dum cultivo secohado, estrumado ou sobre sideração, evitando tanto quanto possível a cultura de pragas nos em anos seguidos e, sempre que sejam da mesma espécie, intercalando-lhe uma leguminosa.

As fertilizações químicas de fundo devem ser equilibradas e o seu enterramento efectuado com a antecipação conveniente em relação à sementeira.

Para que a seca possa efectuar-se por meios mecânicos há todo o interesse em realizar a sementeira em linhas, sempre que o dia clive do terreno o permita.

* Na cultura do milho há toda a vantagem em que benefícios da estrumação ou sideração.

Com a sementeira mecânica, em linhas, ou à mão, no reço da laboura, é possível a sache mecânica.

A selecção das sementes deveria estar na base da exploração económica deste cereal.

- Na cultura do arroz estão indicadas as calagens e as adubações de fundo, estas com fertilizantes químicos amoniácais ou gádicos e superfosfato.

A sementeira deve substituir-se pela plantação e nas terras não sujeitas a inundações devem praticar-se culturas hibernais, beneficiando-as com elevadas dotações de fertilizantes orgânicos.

- Na cultura da vinha é de manter o uso do pé franco nos solos francamente arenosos, de resto os mais vulgares, plantando à vela ou ao coveto quando se efectuam as indispensáveis surribas do solo, estrumando abundantemente em qualquer dos casos.

A ceva a gonteg está indicada quando as plantações são de pé franco, substituindo-a pelo encaldeiramento quando se utilizam porto-enxertos e são de recuar as possíveis conciliações dos garfoes.

A poda efectuada dum só vez torna-se mais económica e não tem qualquer inconveniente de orden ténicas, devendo substituir-se o talão simples pela poda mixta mantendo-se, no entanto, a vimeira bainha para evitar os efeitos prejudiciais dos ventos mareiros que podem soprar durante a fecundação ou mais tarde, na época da maturação.

B - Materia orgânica

A matéria orgânica utilizada na fertilização dos solos agrícolas provém quase exclusivamente das palhas dos cereais depois de transformados em estrume; contudo, os matos, os lixos e as siderações também fornecem materiais com fim idêntico mas em escala muito reduzida em relação à primeira fonte indicada.

a) Estrumes

Os estrumes produzidos no concelho são insuficientíssimos para as necessidades correntes dos solos agricultados, podendo atribuir-se este estado de coisas às seguintes e principais causas:

- baixos efectivos pecuários em relação à área agricultada.
- falta de forragens e matos.
- desinteresse manifesto, pela generalidade dos agricultores no aproveitamento dos fracos recursos actuais e na procura das possibilidades futuras.
- desconhecimento dos resultados económicos dum exploração equilibrada, tanto cultural como pecuária.

As deficiências em estrume não são supridas pela encorpação nos solos de quaisquer outras matérias orgânicas, limitando-se o agricultor, com vista a recuperar a produtividade perdida das suas terras, a alargar mais ou menos o período de repouso, durante o qual se podem cobrir de vegetação espontânea que enterra,

e tantas vezes que isso, durante o próximo alqueivo.

Fale que acabamos de expôr conclui-se que desse conceito não saem estrumes; outro tanto não pode dizer-se da matéria orgânica, que atinge volumosa exportação depois de enfardada, ou mesmo agrinal, quando se trata de palha de arroz.

Nas canas do gado, utiliza-se principalmente palha de ce-reais e, mais raramente, os matos das fessasitas dos montados e, por vezes, das terras que se encontram em prazic longo e vão ser alqueivadas.

As quantidades de palha disponível para as canas do gado existente, tradicionalmente estabulado, são suficientes para as necessidades, outro tanto não acontece com os matos, que constituem, ou melhor, devem constituir, a primeira cana da referidas canas. Este estado de coisas resulta da intensa demanda e da longa recuperação de alguns solos, ao reabrirem-se de mato espontâneo e, mesmo ainda, às características desta mesma vegetação.

Com o gado lanígero e algum caprino fazem-se estrumações a bordo, beneficiando-se normalmente o alqueivo.

Os animais ficam geralmente uma noite em cada bordo, o qual dispõe dumha superfície computada em meio metro quadrado por cabeça. O gado vive neste regime durante aproximadamente 180 a 220 dias por ano e, deste modo, um rebanho de 100 cabeças fertiliza, anualmente, um hectare. Se a estrumação se destina a terras de várzea, com cultura regada, o mesmo número de cabeças pernoita dois dias

successivas no mesmo terreno.

O estrume assim produzido é enterrado com a lavoura de se-monteira ou durante a de atalho.

Estabulando o gado durante períodos maiores, aumentando os efeitos pecuários, cultivando forragem, fazendo cultura de matos esfolhados, aproveitando as nitreiras convenientemente construídas, as actuais e futuras disponibilidades de matéria orgânica, há notáveis possibilidades de aumentar o volume de estrumes.

As palhas e os ramos mortos que constituem as canas dos gados são empilhados ao ar livre, uma vez retirados debaixo dos pés, sofrendo os efeitos dos excessos de sol e de chuva.

Se não há chuva, a curtimenta é imperfeita, mas se adrega a cair alguma, as fermentações dão-se a temperaturas muito elevadas, desvalorizadoras da qualidade, ainda mais agravada quando provoca intensa lavagem, pela sua frequência e intensidade.

Quando as canas não são substituídas anuidades vezes, as degocções líquidas deixam de ser absorvidas, infiltram-se pelo pavimento pernudável ou escocem-se através das paredes dos estabulos, perdendo-se, em qualquer dos casos, como fertilizante.

Para corrigir estes defeitos julga-se suficiente:

- construir plataformas impermeáveis, cobertas, com fossa seca,
- impermeabilizar os pavimentos dos estabulos e conduzir os egotes directamente para a estrumeira,
- juntar cal em pó ao estrume, em quantidades suficientes.

- voltar, pelo menos uma vez, o estrume empilhado.
- regar os estrumes com os dejectos líquidos do gado e outros esgotos, ou mesmo água, quando o volume daqueles for insuficiente.
- substituir as casas com a necessária frequência, de modo a não se atingir o limite de saturação dos materiais utilizados nas casas.

Embora em reduzida escala, já se preparam alguns estrumes artificiais utilizando-se palhas e, mais raramente, matos que são amontoados em páticos onde aguardam a queda das chamas outonais, para entrar em fermentação. Nota-se que alguns agricultores já procuram regular as fermentações destes materiais para o que adiccionam alguns estrumes de carval e cal em pó, ou produtos comerciais à fine abundante regada uma ou duas vezes.

b)-Lixos

Os aglomerados populacionais do concelho restringem-se praticamente à sua sede e a limpeza das ruas está a cargo dos serviços municipais que transportam os respetivos lixos em carros próprios para um local fora do povoado onde é acontentado e sofre fermentações espontâneas; a intensidade destas depende da época da colheita a qual, este, por sua vez, dependente das quedas pluviais, que podem, quanto abundantes, provocar a total lavagem ou, transferir-se num amontoado de matéria seca, que perdeu grande parte do

valor fertilizante inicial, quando sobre ele incidem os caloros efectivos.

O transporte para o campo só se faz quando está completamente carido havendo, por esse facto, necessidade de aguardar a queda das primeiras chuvas, quando o lixo é recolhido durante os mesmos calmosos.

A conclusão a tirar de tudo quanto ficou dito é a de que não há qualquer cuidados com o lixo enquanto se encontra na montureira.

Como a vila não tem esgotos, os dejectos líquidos humanos e outros são transportados em pipas e vacados directamente en terras da Câmara que ex cultiva de ferrejos, destinados à alimentação do seu gado de trabalho ou sobre os lixos, quando há sobras. Neste último caso, o aproveitamento é muito precário, porque o terreno da montureira é de areia solta, muito pernudável.

Nos lixos predominam as palhas, papéis, restos de hortaliças e peixe, escavações de mariscos, etc.

Os lixos amontoados nas montureiras são vendidos em leilão no próprio local, por cordões ou padas, com volume variável, tendo no último ano rendido 3.000\$00, no total.

Há uns anos atrás os dejectos líquidos eram vendidos à pipa de 400 litros, à razão de 3\$50, posto na propriedade do comprador e desde que esta se localizasse nas proximidades da vila; como foi dito, nos últimos anos tem tido o destino já indicado.

Neste concelho não entram nem saem lixos e, os recolhidos, são utilizados nas propriedades dos arredores da vila, destinando-se quase que exclusivamente à cultura hortícola regada ou de sequeiro.

Para obstar ao desperdício do valor fertilizante dos lixos e esgotos havia todo o interesse em construir uma nitreira de capacidade adequada e de tal modo localizada que permitisse beneficiar dos esgotos da futura rede a construir.

c) - Sideração

Raramente se pratica a sideração e sómente a vinha e cultura interessada. A planta usualmente empregada é a trevo-silva; o enterramento faz-se à mão e as produções são muito variáveis com o decorrer do ano, atingindo, muito raramente, 30.000 Kg. por Ha., considerando exclusivamente a área útil de cultura.

Há a maior vantagem em extensificar a sideração, intercalando-a nas rotações; com este fim, poderiam ser utilizadas as seguintes plantas, em cultura estreita ou consociada: trevoço, trevo-silva, aveia, cevada, cantejo, etc.

Para que o agricultor adquira interesse por esta prática, julgamos poder indicar as seguintes medidas auxiliares:

- facilidades na aquisição de sementes de leguminosas;
- estabelecimento de subsídio ou prémio de cultura, para os que realis cultivados em terras em cuja rotação entrasse a sidera-

qdo.

d) - Guanas

Uma fábrica de conserva de peixe da vila faz o aproveitamento dos produtos secundários da indústria para a preparação de guanas, que integralmente remete para a sede da empresa, em Olhão, onde é vendido e entregue principalmente à indústria de fertilizantes, para a manipulação de adubos mistos ou, mais raramente, de frigirinhos alimentares para gado.

e - Máquinas e alfaiaes agrícolas

As máquinas e alfaiaes agrícolas utilizadas no concelho são as indicadas seguinte, distribuídas pelo seu grau de frequência relativa:

de uso corrente	raras
Charruecos	Tractores (25 a 50 H.P.)... 6
Grade de dentes rígidos	Charruas de tractor..... 3
Carreta de bois	Grades de molas..... 4
Carro de mares	Cultivadores de tractor... 6
Charruas	Escarificadores..... 4
Debulhadores	Hamagadores de uvas
Trilhos	Prensaes para bagaços
Pulverizadores	Moto-bombas
	Noras
	Alembiques
	Criados (tipo Marot)
	Charruas de discos..... 1

- torna-se necessário mecanizar alguns trabalhos ainda efectuados à enxada, como por exemplo:- caças de arrozais e de milho, amassas e caças de vinhas, sonanteiras em geral, ceifas quando o permite a extensão da folha, parcela ou talhão, debulhas, plantações de vinha e tratamentos fungicidas de vinhas mais extensas. Para efectuar estes trabalhos indica-se como material, mais adequado, as máquinas de tipo médio ou pequeno, as quais se adaptarão a maior número de explorações; claro está que para certas plantações haverá que respeitar um compasso adequado.
- Convém generalizar o seguinte material:- tractores e, na generalidade, as modernas alfaias, cachadores de tracção animal e mecânica, crivos, grades de molas, charrua tipo Barbant, charrua polifólia de variados tamanhos, para tracção mecânica e animal, grades de discos, moto-bombas, descorroladores de milho, escariificadores, sub-soladores, gadanheiras, pulverizadores mecânicos, etc.

Pode ser adquirido pela generalidade dos grandes e médios agricultores, segundo o tipo de exploração, ou, por intermédio da associação agrícola.

- A mecanização da laboura de concelho tem possibilidades de conseguir sucesso, nomeadamente nas propriedades do tipo médio e grande, desde que o agricultor possa dispor de máquinas convenientemente escolhidas, dentro dum critério objectivo, tendo sempre em mente que a máquina é tanto mais económica e útil quanto maior for o período anual de uso, pelo que deverá adaptar-se às

condições gerais do solo, da extensão das folhas aos mais variados trabalhos, etc., etc.

D - Doenças e pragas

As mais frequentes são:

Quadro III

Cultura	Praga ou doença	Frequência	Obs.
trigo	Alfarro	regular	
"	Fungão	fraca	
"	Morrão	"	
"	Enraizamento	"	
"	Cetônias	"	
milho	Brocas	fraca	
batata	Mildio	alta	causa, por vezes, graves prejuízos
vinha	Mildio	alta	" " " " "
"	Pulgão	regular	causa alguns prejuízos
"	Algodão	"	" " "
"	Ofálio	alta	
"	Charuteiro	regular	causa alguns prejuízos
citrinos	Forniga argentina	regular	
"	Cochonilha	"	
"	Ferrugem	"	
figueira	Lapa	fraca	
Tomate	Mildio	alta	causa, por vezes, graves prejuízos
couve	Lagarta	regular	causa alguns prejuízos
"	Piolho	alta	" " "

Para combater as pragas ou doenças das plantas emprega o agricultor os sais de cobre como tratamento preventivo da vinha e nos cereais, para o combate ao cídio, o enxofre.

Contra o algodão fica a maior parte das vezes impensável ou pararmente utiliza as caldas de inverno indicadas pelos Serviços Oficiais ou qualquer outro produto comercial. No combate aos insetos mais comuns, vai usando parcimoniosamente produtos comerciais à base de D.D.T. ou afins.

- É de toda a conveniência orientar o agricultor na melhor oportunidade e técnica de combate às pragas e doenças das culturas, para o que os serviços de Sanidade Vegetal deviam ser organizados e montados com material e meios convenientes. Para os dirigir devia existir no concelho uma delegação dos serviços regionais, orientada por um técnico, podendo este assumir todos os outros serviços ligados com a assistência técnica.

- Pela descrição feita por alguns agricultores chega-se à conclusão que já foi observada uma doença do tomateiro caracterizada pelo aparecimento de raízes adventícias no caule, precedido de necroses; contudo, a sua confirmação não pode fazer-se porque ao tempo da nossa permanência no concelho não era a época da cultura. Concluiu-se, também, que são relativamente importantes os prejuizos causados nos tomateiros, que, em geral, se destinam ao consumo caseiro e ao abastecimento do mercado local.

Igualmente se verificou o aparecimento do nó curto na videira, não sendo ainda, no entanto, de assustar os prejuizos causa-

dos; esta doença só foi observada há três ou quatro anos e manifestando-se unicamente em vinhas de franco declínio vegetativo.

O agricultor dá pouca importância às ferrugens dos cereais.

2 - Indústrias agrícolas

a)-Oleícola

Não existe no concelho a indústria oleícola por ser quase nula a importância económica da cultura da oliveira, tendo visto a procedência as raras existentes e que denota a sua fraca adaptação ao meio.

b)-Vinicola

A área ocupada pela cultura faz com que este apresente certo interesse para a economia do concelho; tem contudo diminuições últimos anos, devido ao condicionamento das plantações que não tem permitido o alargamento da área cultivada. Pode dizer-se que a maioria das actuais vinhas se situam na sub-serra da costa do Norte.

O quadro seguinte dá a ideia da forma como se distribuem os vinicultores que em 1944 manifestaram a sua produção no Grémio da Lavoura para poderem receber o sulfato de cobre para tratamento preventivo do mildio, nessa data condicionado às quantidades de vinho produzido; conquanto as quantidades sejam um pouco exageradas só, no entanto, verdadeiras as indicações do número de produto-

res.

Neste mesmo quadro se indicam os manifestos da colheita de 1950, cujo total não atinge 40% daqueles.

Quadro IV.

Produção vinícola do concelho nos anos de 1944 e 1950

Classes de produção	Nº de produtores		Importância relativa dos tipos de viticultores						Tipo de viticultores	
	1944	1950	1944			1950				
			Nº	Produção L.	%	Nº	Produção L.	%		
Até 500 L	19	7								
1.000	19	9								
1.500	13	6	51	19.000	6,5	22	16.000	8,5	Pequenissimo	
2.000	19	4								
2.500	3	2								
3.000	5	2	27	53.750	19,0	6	17.000	9,0	Pequeno	
3.500	-	-								
4.000	7	3								
4.500	2	-								
5.000	1	1								
7.500	6	1								
10.000	2	2								
12.500	1	-								
15.000	-	-								
17.500	-	1								
20.000	1	-	19	118.250	42,0	7	52.250	27,5	Médios	
25.000	-	1								
30.000	-	1								
32.000	1	-	1	92.000	32,5	2	102.500	54,7	Grandes	
Soma	98	39	98	263.000	100,0	39	157.750	100,0		

Normalmente o viticultor labora a própria produção; todavia, há que ter em conta a elevada percentagem da colheita vendida em matrizes no mercado local aos numerosíssimos consumidores, constituídos pela população local e flutuante que durante a época balnear frequenta as suas praias.

Os vinhos são mal fabricados, porque há total desconhecimento dos mais elementares preceitos da sua conveniente preparação, pelo que se torna imperioso aumentar ou, melhor, tornar possível conveniente assistência técnica, que pode vantajosamente ser substituída pela criação dum adega cooperativa, localizada nas proximidades da vila, com a capacidade aproximada de 400.000 litros.

Os vinhos apresentam características próprias; agradáveis quando sócos, não justificam, porém, qualquer valorização especial.

c) - Indústrias derivadas da fruta e de produtos hortícolas

Não se encontram instalações industriais que aproveitem frutas de qualquer natureza ou produtos hortícolas como matérias primas, nem parece que tal tenha importância futura.

d) - Apicultura

Explora-se principalmente em cortiços e em varas coladas níveis, (computando estas últimas uma 2/3 do número total).

Por vezes encontram-se apidários com mais de 200 unidades.

constituídas principalmente por cortiços, mas o número de indivíduos que se dedicam a esta actividade é muito restrito.

A produção média dumha boa unidade é aproximadamente a seguinte:

Colmeia... 6 litros de mel

Cortiço... 4 litros de mel e 1,5 a 2 Kg. de cera

As plantas melíferas mais importantes são, o sobreiro, a egeva, o eucalipto e as várias plantas cultivadas na região de azeiteira, onde dominantemente existem os colmeais mais importantes.

Seria de grande alcance introduzir a cultura de plantas melíferas nas rotações normais com aproveitamento na alimentação do gado e, mesmo, nas associações florísticas do sub-bosque dos montados de abro.

A zona de serra, é a que melhores condições possui para a exploração apícola, porque oferece o indispensável abrigo contra os ventos frios do Norte e nela se encontra alguma vegetação espontânea e a maior extensão de montado.

Parte do mel produzido sai do concelho e a restante é conseguida nos locais de produção; a cera, pelo contrário, é praticamente toda exportada.

Como a existência de pomares é muito reduzida ou praticamente nula na zona mais propícia à criação da abelha, não encontramos razões de peso que justifiquem o fomentar-se esta exploração com o fim de os polinizar.

e)-Sericultura

Não se faz a exploração do bicho da seda nem consta que tivesse, em tempos, merecido qualquer atenção.

O seu fomento só poderá oferecer interesse sob o aspecto didático quando instalada, junto das escolas primárias, a cultura da amoreira, que vegeta regularmente em determinadas manchas agroecológicas.

f)-Indústrias agrícolas de carácter familiar

Não há conhecimento da existência de qualquer indústria agrícola com carácter familiar e não se vê possibilidades de fomentar alguma, dadas as características do meio social.

g)-Outras indústrias agrícolas

Só existe a indústria da extração do álcool, que utiliza como matéria prima o bagaço do fabrico do vinho.

Condicionada às possibilidades fermentativas e teor em açúcar do fruto de *Opuntia ficus indica*, Mill. Pl. que no concelho é muito abundante e com enormes possibilidades de alongamento da sua área cultural, poder-se-ia instalar a indústria extractiva de álcool a partir do referido fruto.

P - Quantidades e valores

a) - Quantidades unitárias de sementes

As quantidades de semente usualmente empregadas por Ha., variam de zona para zona, apresentando, ainda oscilações dentro das zonas, como em seguida se indicam no Quadro V relativamente aos valores mais frequentes das culturas mais importantes:

Quadro V

Cultura	Uni- dade	Zonas e sub-zonas			
		Açoriano	Granitos	Costa do Norte	Costa do Sul
Trigo	L.	100 a 120	110 a 140	80 a 100	100 a 130
Cereada	L.	120 a 140	140	120 a 140	120 a 140
Aveia	L.	120 a 150	150	140	160
Milho	L.	25	25	20	20 a 30
Pava seca	L.	-	300	-	160 a 330
" verde	L.	-	300	250	-
Arroz	Kg.	-	-	75 a 105	75 a 105

Como as características dos solos já atrás foram definidas, quando se dividiu o concelho em zonas e sub-zonas agrícolas, considerou-se não ser necessário fazer, aqui, nova referência, porque as quantidades de semente empregada, por unidade de superfície, bem como as respectivas produções estão, dentro de cada zona, objecto

vamente indicadas nos quadros.

b) - Produções unitárias médias

- das culturas mais importantes

Quadro VI

Cultura	Uni-dade	Zonas e sub-zonas agrárias			
		Acidentada	Granitos	costa do Norte	costa do Sul
Trigo	L.	600 a 900	1.000 a 2.100	600 a 1.000	700 a 1.100
Cevada	L.	740 a 1.000	1.500	600 a 900	800 a 950
Aveia	L.	600 a 750	1.000 a 1.200	450 a 700	640 a 850
Milho	L.	500	900	400	750 a 900
Fava-meca	L	-	1.500	-	1.500
Arroz	Kg.	-	-	3.000 a 4.000	3.000 a 4.000

Como não se faz, praticamente, cultura sob-coberto de qualquer planta de porte arbóreo, não consideramos as quantidades de semente empregadas por unidade de superfície, nem as respectivas produções; mas nos raros casos verificados, as quantidades de semente, bem como as produções, estão compreendidas nos valores acima indicados.

A cultura da vinha, como ficou dito, tem regular adaptação às condições do meio físico, podendo considerar-se que a plena pro-

duque é atingida por volta dos 8 anos de idade; nessa altura os rendimentos médios unitários variam entre 3.500 e 4.000 litros, com compassos variáveis entre 1,45 x 1,45 e 1,60 x 1,75 m., correspondendo à densidade aproximada de 4.800 e 5.600 pés por hectare.

Plantas com destino exclusivo à alimentação do gado:

Quadro...^{VII}

Culturas	Produção			Obs.
	Crdo L.	Palha Kg.	Ferrejo Kg.	
Aveia	420 a 1.200	750 a 1.600	12.000	Frequente
Cevada	600 a 1.300	900 a 2.000	12.000	"
Centeio	-	-	6.000	"
Milho	-	-	18.000	Raro

Plantas que fornecem produtos secundários para alimentação do gado:

Quadro.VIII

Culturas	Unida- des	Produto	Quantidade	Obs.
Trigo	Kg.	Palha	1.000 a 2.000	
Cevada	Kg.	"	700 a 1.500	
Milho	Kg.	"	400	
Arroz	Kg.	"	2.000 a 2.500	
Videira	Kg.	Bagaço	850	
Tomate	Kg.	Fruto	-	Improprio para consumo ou seu colheitação no merceado
Aboboreira	Kg.	Fruto	-	Improprio para consumo ou seu colheitação no merceado
Peiçoeiro	Kg.	Palha	-	
Riqueira	Kg.	Fruto	-	Sua colheitação no merceado

e)-Equivaléncia das medidas concelhias

Alqueire..... 20 litros

Arroba..... 15 quilos

Pipa..... 500 litros

Almude..... 20 litros

III - PRODUÇÃO E CONSUMO

A - Produtos que o concelho consome e não produz

são essencialmente a alfarroba, o azeite, a castanha e o sal

B - Produções locais em quantidade insuficiente

Vinho, batata comum, carne de bovinos e ovinos, queijo, laranjas, uva, etc.

C - Produções em excesso

trigo, milho, arroz, cevada, batata doce, feijão, lúpulo, carne de porco, ovos, etc.

D - Produtos importados, necessários à indústria agrícola

Adubos (superfósforo, sulfato de enxofre, cianamida, nitrito de sódio, etc.).

Correctivos (cal)

Máquinas e alfaias agrícolas

Fungicidas

Insecticidas

Cordaria

Ferragens

etc.

IV - COMÉRCIO DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS**A - Modalidades****Trigo**

Este cereal é obrigatoriamente entregue à Federação Nacional dos Produtores de Trigo.

Cevada e milho

O agricultor tem a faculdade de entregar estes cereais à Federação ou vendê-los ao consumidor, ao armazénista ou ao retalhista. Quando a transacção se faz com o armazénista o negócio tem geralmente por intermediário um comissário ou outro negociante.

Aveia

As transacções deste cereal fazem-se directamente com o consumidor ou com o retalhista ou armazénista, nas mesmas condições das efectuadas com a cevada e milho.

Arroz

O agricultor entrega a produção aos industriais de descarga, em conformidade com as determinações da Comissão Reguladora do Comércio de Arroz.

Gado suíno

O criador vende directamente ao açougueiro ou ao industrial de charcutaria, sendo de sua conta todas as despesas até ao destino, onde é pesado.

Gado bovino

O criador entrega o gado no Mercado Geral em Lisboa, ou em caso mais geral, vai com ele à feira e vende-o directamente ao açougueiro, a outro levrador para engorda e trabalho ou ao negociante que por sua vez o entrega ao talhante.

Lã

O criador vende o produto por intermédio do Grémio da Lavoura aos industriais de penteação ou directamente àqueles negociantes ou por intermédio de qualquer comissário.

Vinho

Geralmente o vinicultor entrega directamente a produção ao retalhista.

3 - Mercados de destino e suas tendências

A produção agrícola excedente do consumo local destina-se na totalidade ao mercado interno, não se tendo verificado, nos últimos anos, dificuldade na sua colocação a preços compensadores dos produtos negociados em mercado livre porque entre tanto não suco-

de com alguns dos produtos obrigatoriamente vendidos em avena e condicionado.

6 - Acção dos organismos associativos

A Lavoura deste concelho dispõe dum só organismo associativo, o Grémio respectivo.

Desta associação tem procedido à venda da I&B concentrada nos seus armazéns e adquirir para fornecer aos seus associados batatas de semente, fungicidas, insecticidas, alfaias agrícolas, e outros materiais. Desta modo tem conseguido para a limitação dos preços de alguns destes produtos.

Junto desta associação poderiam e deveriam organizar-se uma cooperativa de vinicultores e, simultaneamente, tornar possível a venda a crédito dos produtos necessários à exploração da terra. Deve-se informar, no entanto, que as possibilidades desta associação são muito limitadas por se tratar dum concelho de pequena extensão, extensivamente explorado e com solos normalmente pobres.

V - TRABALHO AGRÍCOLA**A - Salários**

a)-Valor médio dos salários agrícolas e suas variações ao longo do ano:

1935-1939

Salários nas ceifas, sachas, cavas, arroz (verão).

Homens..... 12\$00 a 13\$00

Mulheres... 7\$00 a 8\$00

Salários noutros trabalhos (inverno)

Homens..... 10\$00

Mulheres.... 6\$00

1944-1948

Salários nas ceifas, sachas, cavas, arroz (verão).

Homens..... 20\$00 a 24\$00

Mulheres... 12\$00 a 13\$00

Salários noutros trabalhos (inverno)

Homens..... 17\$00 a 19\$00

Mulheres... 8\$00 a 10\$00

b)-Horário normal de trabalho e tempo médio activo

O horário de trabalho não é uniforme para todas as culturas; nos arrozais, por exemplo, o trabalhador tem durante todo o período cultural 8 horas de trabalho diário, distribuídas indiferentemente pelo dia.

Nas outras culturas, o horário de trabalho, é o seguinte:

De 25 de Março a 7 de Setembro:

Início..... com 30 minutos de sol
Descanso para almoço..... uma hora
Descanso para jantar..... duas horas
Descanso para varanda.... 30 minutos
Fim..... pôr do sol

De 8 de Setembro a 24 de Março

Início..... com 30 minutos de sol
Descanso para almoço..... uma hora
Descanso para jantar..... uma hora
Fim..... pôr do sol

Tendo em linha de conta as horas de Sol acima do horizonte, referidas ao meridiano de Lisboa, organizou-se um quadro indicativo do número de horas de trabalho diário, no longo do ano.

Quadro. IX

Tempo médio activo no longo do ano

Mês	Horas de trabalho
Janeiro	7.14
Fevereiro	7.46
Março	(9.24 7.54)
Abril	8.87
Maio	10.14
Junho	10.47
Julho	10.54
Agosto	9.41
Setembro	(8.28 9.58)
Outubro	9.58
Novembro	7.57
Dezembro	7.02

B - Movimentos migratórios periódicos

Não se verifica movimento de trabalhadores rurais neste concelho, tanto na época de excesso de mão de obra como de escassez.

C - Crises de trabalho

Nos meses de Outubro a Janeiro verifica-se que existe deseq

prego nos trabalhadores rurais, atingindo o máximo de cerca de 400 indivíduos e o mínimo de 100, conforme apurámos por inquérito junto de pessoas idóneas.

A causa determinante deste estado de coisas resulta do predominio da cultura cerealífera do sequeiro sobre todas as outras, a qual não necessita de qualquer amanho durante grande parte daquele período e, quando estes se efectuam, ocupam número reduzido de unidades de trabalho por unidade de superfície.

Para fazer face ao período desemprego têm-se efectuado alguns trabalhos públicos, cujos resultados práticos são insuficientes para solucionar o problema, e sempre de carácter transitório.

VI - PROPRIEDADE E EXPLORAÇÃO

A - Tipos de propriedade

A noção de extensão de propriedade está intimamente ligado o rendimento médio anual determinado à perpetuidade. É dentro desse critério que vamos procurar definir cada um dos tipos de propriedade, tendo em conta a produção média das principais culturas inerentes a cada tipo, procurando em seguida dar uma ideia aproximada da posição de cada um, em relação à área total do concelho.

Quadro X.

Tipo de propriedade, sua pulverização e distribuição

Tipo de propriedade	Solo	Cultura	Área da propriedade	Área média	Área total de cada tipo	% sobre imóveis totais
Pequenísima	xisto arenoso arenoso aluvial	Arv. seq. Arv. seq. Vinha Arroz	até 4 Ha " 10 Ha " 1 Ha " 0.4 Ha	até 4 Ha.	250 Ha	1,3%
Pequena	xisto arenoso arenoso aluvial	Arv. seq. Arv. seq. Vinha Arroz	até 8 Ha " 21 Ha " 3 Ha " 3 Ha	até 8 Ha.	336 Ha	1,7%
Média	xisto arenoso arenoso aluvial xisto	Arv. seq. Arv. seq. Vinha Arroz Sobre	Até 130 Ha " 500 Ha " 15 Ha " 7 Ha " 72 Ha	até 105 Ha.	5.484 Ha	29,0%
Grande	xisto arenoso arenoso aluvial xisto	Arv. seq. Arv. seq. Vinha Arroz Sobre	até 450 Ha " 2.000 Ha " 40 Ha " 25 Ha " 180 Ha	mais de 105 Ha.	18.850 Ha	65,0%
Soma					18.900 Ha	100,0%

Com os elementos colhidos nos Serviços do Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica e tendo em linha de conta os valores estabelecidos no quadro anterior para definir a extensão da propriedade, dos diversos tipos, organizou-se o quadro seguinte:

Quadro XI
Distribuição da propriedade e número de prédios
que a constitui

Prédios por propriedade	Tipo de propriedade				Total
	Requerida: até 4 Ha.	Pequena: até 8 Ha.	Média: até 108 Ha.	Grande: mais de 108 Ha.	
1	251	23	95	18	372
2	29	20	48	6	103
3	11	5	15	4	35
4	2	2	9	4	21
5	2	2	4	3	11
6	-	2	-	2	5
7	-	-	3	-	3
8	-	-	1	-	1
9	-	-	2	-	2
10	-	-	-	-	-
11	-	1	-	-	1
Soma	275	64	177	56	554
Nº médio de prédios por propriedade	1,2	2,2	1,7	2,4	1,6
Área média por propriedade	0,91 Ha	5,36 Ha	30,94 Ha	326,6 Ha	34,1 Ha

Os únicos casos existentes de propriedade imperfeita, são os que se resaltaram da divisão por aforamento de prédios relativamente extensos.

3 - Valores venais médios

São raras as transacções com prédios rústicos e estas têm como base normal o rendimento líquido determinado a partir do rendimento bruto do produto principal, nas terras campas, a que se deduzem as despesas de exploração efectivas, capitalizando à taxa uniforme de 8% para determinar o valor de rendimento. Nas terras povoadas de sôbro o rendimento líquido é igual ao rendimento bruto (cortice e montanheira) deduzido das despesas efectivas, não incluindo as fortuitas culturas que possa haver.

Quando os valores venais se afastam dos indicados temos que se atribuir a causas de ordem psicológica, ou outras imponderáveis.

Deve notar-se, contudo, que os valores venais unitários aumentam com a diminuição da área transaccionada, o que não é de admirar visto nestas condições haver também possibilidade de aumento de rendimento, pela sua possível intensificação cultural e maior o número de interessados.

Com os valores que abaixo se indicam procura-se fornecer algumas elementos sobre a variação destes em função da fertilidade dos solos do concelho.

Solos ristosos, de serra, seu arborização

(talisquentos).....	1.000,00 a 1.500,00
---------------------	---------------------

Solos xistosos da serra, sem arborização..... 1.500\$00 a 2.500\$00
 Solos arenosos, sem arborização. Varia de.... 300\$00 a 2.500\$00
 (maior frequência à volta de 1.000\$00)
 Solos graníticos, sem arborização..... 3.000\$00 a 8.000\$00
 Montado, com densidade variável..... 5.000\$00 a 15.000\$00
 (maior frequência à volta de 8.500\$00)
 Solos alaviais, próprios para a cultura do ar-
 roz, com água de pé..... 20.000\$00 a 30.000\$00
 Solos alaviais, próprios para cultura de se-
 queiro ou com água durante parte da época
 de estival..... 5.000\$00 a 10.000\$00
 Pinhal..... 7.000\$00 a 15.000\$00

6 - Formas de exploração

Conta própria

A exploração de conta própria é a dominante em todo o concelho, tanto pelo seu número, como pela área abrangida, podendo computar-se em cerca de 70% da área agrícola total.

Normalmente o empresário reside na sede da própria exploração ou, pelo menos, nas proximidades.

A exploração florestal faz-se de conta própria, quanto aos produtos principais; outro tanto não sucede nas raras culturas sob coberto e na exploração dos produtos secundários como engorda de gado suíno, pastagem de gado lanígero, etc.

Arrendamento

Pode considerar-se que 80% da área sobrante do concelho é explorada em regime de arrendamento.

Os contratos são, na generalidade, verbais, podendo contudo existir a sua confirmação por carta escrita pelo proprietário. As escrituras públicas são muito raras.

Os contratos de arrendamento são renovados com frequência pelas duas partes, havendo no entanto muitas vezes ajustamento das respectivas rendas.

A duração dos contratos é muito variável; são frequentes aqueles que têm a duração das próprias rotações, não incluindo como é óbvio, a duração do período de pastagem ou pausio.

A renovação dos contratos resulta das relações cordiais entre as duas partes e do seu interesse na sua continuidade.

Os arrendamentos predominam na grande propriedade, encontrando-se no entanto médias propriedades exploradas por esta forma.

O valor médio das rendas é aproximadamente o seguinte:

terras de areia fraca..... 1/4 de centavo em trigo

terras de areia boas..... 1/3 centavo em trigo

terras de xisto quartoso... 1 a 2 centavos em trigo

terras de xisto argiloso... 1 a 2,5 centavos em trigo

- Exemplo dumha herdade arrendada a dinheiro:

Área de cultura arvaneze de sequiro..... 1.000 Ha.

A transportar 1.000 Ha.

Transporte.....	1.005	Rs
Pastagens de sôbro regular.....	62	Rs
Vinha regular.....	0,5	Rs
Área regada, explorada de arros....	<u>9,0</u>	Rs
área total	1.090,5	Rs

Rendimento líquido atribuído pelos

Serviços Cadastrais.....	55.700,00
Renda paga pelo rendeiro.....	65.000,00
Renda por hectare.....	594,50

- Exemplo duma parcela de terra sublocada duma herdade arrendada a dinheiro:

Áreas

de cultura arvense de sequeiro....	3,5
de vinha regular.....	<u>0,5</u>

Renda

45 alqueires de trigo, de 30 litros	-2.070,00
50 quilos de arros branco.....	- 159,00
2 galinhas.....	- 60,00
40 litros de faijão.....	- <u>120,00</u> <u>2.409,00</u>
ou 608,00 por hectare	

- Exemplo duma terra de arros, arrendada, com água de pé:

Área arrendada..... 16 Ha
 Renda em arros..... 18.000 Kg.
 Renda média por Ha..... 8.000,00

- Exemplo dumha terra de arros, com água de pé; ordenada pelo rendeiro:

Renda em arros por Ha..... 450 Kg. ou 1.260,00

Resultante da maior procura da terra para o concurso oferto, tem-se verificado últimamente aumento das rendas, tanto nas contratadas a dinheiro como em géneros, aumento que tem atingido, por vezes, mais de 15%.

----- + -----

As causas determinantes do arrendamento das terras, podem resumidamente basear-se:

- 1) - na falta de capital circulante por parte do proprietário
- 2) - na impossibilidade administrativa, quando o proprietário reside afastado do seu próprio, ou mesmo fale do concelho.
- 3) - na incapacidade administrativa
- 4) - na diminuição dos riscos

- 5)- na falta de interesse pela exploração da terra e a precepção de viver fora do meio rural.
- 6)- no desconhecimento das técnicas de cultivo (caso típico na cultura do arroz, feito em mais de 90% de casos em terras de renda).

Parceria

Praticamente não existe a típica exploração em parceria mas é frequentíssima a parceria imperfeita do seareiro mas, mesmo nesse caso, o parceiro seareiro não recebe normalmente as terras da mão do proprietário, mas sim do rendeiro.

Computa-se em mais de 80% das terras arrendadas exploradas dentro desta modalidade; assim, quanto ao tipo de exploração, as posições relativas destas duas formas ficam invertidas.

A parceria é usada sómente nas terras nuns, exploradas com culturas arvenses de sequeiro ou no arroz, em regadio.

Devido ao aumento de procura de terra da parte dos seareiros tem-se verificado aumento da ração nos últimos anos, a qual apresenta a seguinte evolução:

Quadro XIII
Evolução da cota de parceria

Cultura	Ração da produção	
	Anterior	Actual
Trigo	7/5 - 7/6	7/4
Milho	7/5 - 7/6	7/4
Cevada	7/5 - 7/6	7/4
Arroz	7/5 - 7/6	7/4 - 7/5

O número de sequeiros tem subido, o que vem justificar o aumento da ração dos últimos anos; as causas podem fundamentar-se no aumento populacional, na diminuição da produtividade das terras, que obriga o pequenissimo, pequeno e, mesmo, médio proprietário a recorrer a este meio para conseguir elevar os seus rendimentos, por não possuirem numerário para a aquisição de terras ou não haver transacções destas.

A exploração da terra faz-se de igual forma, tanto nas explorações de conta própria, como de arrendamento ou parceria; contudo, verifica-se maior intensificação cultural nas explorações que dispõem de áreas restritas do que nas mais extensas.

VII - CONSTRUÇÕES RURAIS

A - Silos

Não há silos no concelho, como também não existem prados naturais nem condições para os instalar, com quebra de rendimento ; há todo o interesse em fomentar a sua construção para neles armazenar as ervagens espontâneas ou, mesmo, as forragens que possam cultivar-se para tal fim, evitando-se a crise alimentar por que passa o gado, invariavelmente, todos os anos.

B - Nitreiras

Não há nitreiras nem qualquer construção ou pavimento impermeável que possa servir àquele fim.

A sua construção está indicada, como a dos silos para melhorar o aproveitamento dos estrumes de curral e de todas as disponibilidades de matéria orgânica que se desperdiça.

C - Alojamento de animais

Os alojamentos dos gados não satisfazem, na maioria dos casos, às mínimas condições técnicas e sanitárias a que se destinam, podendo indicar-se as seguintes e principais deficiências:

1)- pavimentos terrosos permeáveis

2)- cobertura que não protege o ambiente das oscilações térmicas

cas externas.

- 3) - paredes sem reboco, que não permitem a limpeza
- 4) - frequente ausência de portas e janelas protectoras
- 5) - deficiência de iluminação.

Não há ovinos porque o gado ovino e caprino dorme permanentemente no campo dentro do barro, uma parte do ano e em liberdade no restante.

Os estabulos para gado leiteiro apresentam as deficiências já apontadas para as restantes instalações.

SEGUNDA PARTE

INQUERITO FLORESTAL

I - IMPORTÂNCIA FLORESTAL DO CONCELHO

A semelhança do que temos feito em outros concelhos onde trabalhamos, servir-nos-emos, em grande parte, dos elementos fornecidos pelo Cadastro Geométrico da Propriedade Rústica (simplesmente no que respeita a valores de áreas de cultura), os quais funcionam como termo de comparação com os elementos obtidos por informação directa.

Para essa consulta aprevestemo-nos das facilidades concedidas pelo Chefe da Secção de Finanças do concelho.

Com todos os elementos que conseguimos coligir, foi-nos possível elaborar os quadros que a seguir se apresentam. Pela sua observação poderemos, com um certo rigor e com bastante clareza, responder à quasi totalidade das questões que constituem o presente capítulo do Questionário Florestal.

Áreas florestais
 (Valores extraídos do Cadastro Geométrico da
 Propriedade Rural)

Espécies	Área ocupada (Ha.)	Relação com a área florestal %
Montado de sobre	2.746,70	70,76
Pinhal (bravo e manao)	986,75	23,40
Eucaliptal	149,20	3,84
Total	3.882,65	100,00

Resumo da distribuição das diferentes áreas

	Ha.	%
Área agrícola.....	14.645,05	75,09
Área florestal.....	3.381,65	19,51
Área inculta.....	458,80	2,30
Área social.....	<u>1.014,59</u>	<u>5,10</u>
Área total	19.900,09	100,00

A - Importância e situação dos maciços florestais

1 - Pelo exame dos valores que constituem o primeiro quadro, pode verificar-se que a área ocupada pelos maciços florestais regula por cerca de 30% da superfície total do concelho. Os restantes 70% encontram-se assim distribuídos:

- a) - Para a cultura agrícola, destinam-se 75%
- b) - A área inculta abrange 2%
- c) - Os restantes 5% são considerados como área social

2 - O concelho de Sines é constituído por uma única freguesia, na qual as principais essências florestais se encontram irregularmente distribuídas.

Assim, os montados de sobre encontram-se, principalmente, nas zonas de maiores altitudes (confinando com os do concelho de Santiago de Cacém) nas pequenas encostas que ladeiam os principais cursos de água. As manchas mais importantes localizam-se nos -

quintas herdadas: Vale Canada, Monte Agudo, Monte Velho, Vale Olazinho, Quinta, Rombo, etc. Esta distribuição faz-se entre as cotas de 216 m. (máxima) e de 30 m. (mínima), aproximadamente.

Por sua vez os pinheais localizam-se entre os seguintes limites de cota, aproximados, máxima 75 m. e mínima 5 m. Aparecem-nos, portanto, em zonas mais baixas e ainda mais próximas do mar, tais como, Pinhal dos Nedos, Herdade da Bebeda (de Baixo, de Cima e do Meio), Monte Feio, Outeiro, S. Bartolomeu, Cérca Velha, etc. Finalmente, os eucaliptais encontram-se, em poucas manchas, tanto na zona mais alta como na parte mais baixa, com cotas variando entre um máximo de 150 m. e um mínimo de 25 m. Os principais núcleos de eucaliptos aparecem-nos no Monte Agudo, Monte Feio e próximo do convento de Sines, junto à estrada de Sines para Santiago de Cacém.

3 - Como se pode ver pela observação do primeiro quadro, as principais essências indígenas existentes no concelho e que constituem maciços florestais, são o sobreiro e o pinheiro bravo. Dentro destas duas espécies, a mais importante é o sobreiro que ocupa 71% da área florestal total, enquanto que o pinheiro pouco ultrapassa os 25% dessa mesma área.

Comparando o valor da área inculta com o valor da florestal (cerca de 12% desta), poderemos dizer que há possibilidades e, até, nesse vantage, no alargamento da área ocupada pelas essências florestais, utilizando especialmente o pinheiro bravo, isto por que a maior parte dos terrenos incultos é formada por areias da

nas onde será difícil employar qualquer outra essência florestal.

4 - A única essência exótica formando maciços, que se encontra no concelho é, como se indica no quadro das diferentes árvores florestais, o eucalipto. A sua principal importânciā em relação às indígenas, é o fornecimento de madeiras de maiores dimensões, podendo, para esse fim, alargar-se a sua área de cultura, aos terrenos melhor adaptados sem prejuízo da cultura agrícola.

B-Importância das essências dispersas ou constituindo povoados de área muito reduzida

5 - Como essências florestais formando pequenos maciços ou árvores isoladas e dispersas, indicam-se as mesmas referidas nos parágrafos anteriores e pouco mais.

O pinheiro manso e o choupo aparece-nos misturado com o pinheiro bravo ou marginando as estradas, juntamente com os eucaliptos e os choupos.

Os sobreiros, em árvores isoladas, abrangem um número variável entre 1.900 e 2.000.

6 - Não encontramos quaisquer essências que, pelas suas características excepcionais, pudessem ser objecto de referência especial.

7 - No que se refere a parques ou arboretum de interesse botânico, nada encontrámos no concelho.

C-Importância económica social da silvicultura

8 - A silvicultura, no concelho, tem uma importância que não deve desprezar-se, embora a área florestal seja somente de pouco mais de 1% da superfície do concelho. Esta importância ainda poderá ser aumentada, se atendermos à possibilidade de se valorizarem os terrenos actualmente incultos, recorrendo à sua arborização, e a uma racional exploração dos arvoredos, muito especialmente os pinhais.

Em primeiro lugar faremos referência à importância económica dos actuais povoamentos florestais, reservando para o parágrafo seguinte as considerações sobre a importância social.

Começaremos pelo sobreiro a espécie que ocupa maior superfície, tratando das outras em seguida, pela sua ordem de importância.

A principal importância do sobreiro resulta da cortiça produzida, em virtude de ser o seu principal produto. O fruto tem menor importância embora o utilizem para a alimentação de porcos. Além destes dois produtos há ainda a considerar a lenha, a madeira, o carvão e os entressacos.

Assim, como veremos mais adiante ao tratarmos das produções,

extraiem-se anualmente entre 41.000 e 52.000 arrobas de cortiça.

Atribuindo a esta cortiça um valor médio de 20\$00 por arroba, verifica-se que só este produto dá para o concelho um rendimento entre 800.000\$00 e 1.000.000\$00, aproximadamente.

Como resultado de informações colhidas, concluimos que são necessários, em média, cerca de 60 alqueires de bolota (um mês ou 1.200 litros) para engordar um porco, isto é, para lhe produzir um aumento de peso que oscila entre 5 e 6 arrobas de carne.

Para produzir esta quantidade de bolota são necessários entre 2 e 3 Ha. de montado, ou melhor, unas 150 árvores, num ano de safra.

Partindo destes valores e, sendo a área de montado de perto de 2.700 Ha. (incluindo 1.900 árvores dispersas), concluiríamos que no concelho se poderiam engordar à volta de 1.120 porcos anualmente. Na realidade porém, isto não é assim, pois temos de contar com os anos de contra safra que são três em cada quatro anos. Portanto, o número de porcos anteriormente indicado deverá ser reduzido para a quarta parte, o que dá um valor de cera de 280 porcos com possibilidade de serem engordados, normalmente, em cada ano.

Esta quantidade de porcos produzirá à volta de 1.500 arrobas de carne que, capitalizadas à razão de 250\$00 por arroba, darão um rendimento aproximado de 375.000\$00.

A estes dois valores teríamos, ainda, que juntar os resulta-

tantes da produção de lenhas, carvão, madeira e entreosasco, cujas produções não nos foi possível avaliar.

Quanto ao valor económico dos pinhais, sómente nos referimo-nos à importância resultante da exploração da sua resina, em virtude do para os outros produtos não nos ser possível fazer estimativas.

Assim, pela análise dos valores apresentados no quadro de produção de resina, apresentado no parágrafo 16 vemos que no concelho se exploraram cerca de 18.442 feridas (média de três anos) as quais deram um rendimento de quase 52.000\$00.

Pelo exposto se pode concluir que, sómente, de três produtos florestais (cortiça, boleta e resina), o concelho tem um rendimento variável entre 1.800.000\$00 e 1.400.000\$00. Donde poderemos dizer, segundo cremos, que a silvicultura tem uma importância económica superior àquela que à primeira vista se poderia calcular em face da taxa florestal relativamente baixa, atribuída ao concelho.

9 - Sob o ponto de vista social a silvicultura tem também importância de considerar, pois que à sua custa vivem ainda bastante famílias, quer aquelas que directamente se encontram ligadas à exploração quer às que vivem da indústria intimamente ligada com aquela e estabelecida no concelho, como seja a corticeira.

Como se pode constatar pelo exame do quadro a seguir apresentado, na indústria corticeira do concelho, empregam-se anualmente uma média de cerca de 470 pessoas, trabalhando num total de

43.237 dias anualmente, etc. Estas fábricas trabalham com a cortiça produzida no concelho e alguma produzida nos concelhos limítrofes, exportando-a depois pelo seu porto de mar.

Número de fábricas e pessoal empregado nas mesmas, existentes no concelho de Sines (Valores extraídos da "Estatística Industrial").

Ano	Pessoal	Dias de trabalho	Salários pagos 1.000 esc.	Número de fábricas		
				Activas	Inactivas	Total
1940						
1941	751	122.351	1.267	35	4	39
1942	517	74.254	962	30	11	41
1943	551	67.176	960	38	4	42
1944	522	72.912	1.118	31	4	35
1945						
1946	441	101.812	2.157	24	17	41
1947	412	95.786	2.607	21	19	40
1948	428	72.943	2.040	15	19	34
1949	359	38.942	1.031	13	19	32
Total	5.751	546.181	12.142	197	97	294
Média	469	43.237	1.513	25	12	37

NOTA: - Por não nos ter sido possível obter mais elementos, sómente apresentamos os dados referentes a um período de 8 anos, período esse interrompido, como se vê, no ano de 1945.

Terminamos assim as nossas considerações sobre a importância económica-social da silvicultura no concelho de Sines pois supomos que o que acabemos de apresentar é suficientemente elucidativo.

III - A PROPRIEDADE E A EXPLORAÇÃO FLORESTAL

A-Conceito regional da extensão da propriedade florestal

10 - Todas as nossas considerações sobre este assunto, andando à volta das áreas ocupadas pelos montados de sobre e dos pinhais, quer tomados isoladamente, quer tomados como propriedades possuindo as duas espécies florestais ou, ainda, com povoamento de eucaliptos.

Em virtude de no concelho existir um grande número de propriedades com uma área inferior a 10 Ha. dividimos a propriedade florestal em quatro categorias que passaremos a definir, e que são: grande, média, pequena e pequenissima propriedade florestal.

A grande propriedade florestal será aquela que, em virtude do seu rendimento, assegura ao seu proprietário e família, os meios de vida necessários para ocupar, na sociedade, uma posição elevada. Nestas condições, a grande propriedade teria uma área superior a 200 hectares.

Como média propriedade florestal, deveremos considerar toda a que, sem dar ao seu proprietário uma independência económica completa, como a anterior, lhe garante já um determinado rendimento que o auxilia na sua exploração ou empresa agrícola, não obrigan-do a recorrer aos salários para viver. Assim, essa propriedade deveria ter uma área compreendida entre um máximo de 200 Ha. e um mínimo de 50 hectares.

Por sua vez, a pequena propriedade será aquela cujo rendimento supre, apenas em parte, as necessidades do proprietário, tendo este de recorrer aos salários para viver. Nesta categoria estariam incluídas as propriedades com um limite máximo de 50 Ha. e um limite mínimo de 10 hectares.

Finalmente, a pequenissima propriedade, oferece um rendimento insignificante que pouca influência tem na economia do proprietário que busca o seu sustento noutras actividades. Nesta categoria seriam englobadas todas as propriedades que possuam uma área inferior a 10 hectares.

Em face destas considerações e aproveitando os elementos figurados pelo Cadastro Geométrico da Propriedade Rural elaboramo o seguinte quadro, que nos dá uma ideia tanto da distribuição da propriedade florestal, como do número de proprietários em cada uma das categorias estabelecidas.

Quadro da distribuição das propriedades e proprietários, segundo as categorias estabelecidas

Categorias das propriedades	Área ocupada Ha.	Relação com a área florestal %	Número de proprietários
Pequenissima, até 10 Ha.	237,95	6,15	97
Pequena, de 10 a 50 "	1.120,80	28,07	54
Média, de 50 a 200 "	804,70	20,71	6
Grande, mais de 200 "	1.719,30	44,29	6
Total	3.861,85	100,00	160

Pelo exame deste quadro se pode verificar a predominância da grande propriedade florestal, seguindo-se-lhe, na ordem decrescente de valores, a pequena, a média e, por fim, a pequenissima propriedade.

Quanto à distribuição dos proprietários florestais no concelho, também o mesmo quadro nos dá uma ideia bastante elucidativa. Por ele se pode verificar que predominam largamente os pequenissimos e os pequenos proprietários, sendo a percentagem dos médios e grandes bastante reduzida.

B-Técnicas culturais empregada

II - Neste concelho, os povoamentos florestais são objecto das seguintes operações culturais, segundo a essência de que se trata: poda, descorticamento, desmoita e lavra do terreno, para esmagados de sobreiro; desrama e resinagem, para os pinheiros; e, para os eucaliptais, palhadia rasa.

A poda dos sobreiros é efectuada, normalmente, com intervalos de 10 anos, e não deverá ser considerada como uma arreia, embora, por vezes seja um pouco violenta.

A desmoita e a lavra do terreno são realizadas de 5 em 5 ou de 6 em 6 anos. A primeira operação consiste na supressão de todos os indivíduos dum "moinha", com exceção de um, para assim se formando o arvoredo que há-de substituir o que, actualmente, se encontra em estado adiantado de decrepitude, ou então, para formar

povoamentos novos em terrenos que se encontravam nus. A segunda, como o próprio nome indica, consiste na lavra do terreno para a agbilização do solo e para a extração do mate, com a finalidade de apressar o crescimento das árvores.

O descortiçamento, por fim, é uma prática realizada de 9 em 9 anos, como na generalidade dos montados do país.

Nos pinhais realizam-se: a desrama, geralmente executada por pessoas que necessitam da rama para combustível, em virtude desse material ser dado pelo seu proprietário a quem efectua o trabalho e a resinagem, operação feita por conta dos industriais resineiros que alugam o pinhal.

Por fim, os eucaliptais, são explorados em talhadia rasa, que se realiza, normalmente, de 25 em 25 anos, que é o período da rotação.

0-Exploração

12 - O regime de exploração das essências florestais nos vários tipos de propriedade, é o de conta própria. Contudo, podemos dizer que já existiram, no concelho outros tipos de exploração da propriedade florestal, como por exemplo, o da exploração da cortiça por meio de arrendamento a longo prazo.

13 - Embora exista escassez de produtos lenhosos para as necessidades da população, não se verificam mutilações na arvoredo

como outros concelhos.

Normalmente, a extração do material lenhoso é um pouco superior à capacidade de produção dos povoamentos, devido à escassez de produtos florestais. No entanto, há tendência para o equilíbrio pois os proprietários florestais têm uma certa inclinação para efectuar novas sementeiras e plantações.

Assim, segundo informações, tivemos conhecimento de que se têm sido sementeiras, a lanço, de boletas de sobreiro e de penisco em várias propriedades. Em Monte Feio, por exemplo, semearam-se cerca de 50 a 60 Ha. de pinhal e a Câmara Municipal tem feito várias tentativas para semear com penisco, o seu baldio das Perecheiras.

Também se têm realizado plantações de eucaliptos, havendo tendência para aumentar a área.

14 - Explorações florestais organizadas não existem.

15 - Pela actual exploração dos povoamentos florestais obtêm-se os seguintes produtos: cortiça, lenhas, frutos, madeiras, resina, carvão e cascas tanantes.

As cortiças, frutos e cascas tanantes, são fornecidas pelo sobreiro. A resina provém tanto do pinheiro bravo, como do manse, mas principalmente de quello.

Quanto a madeiras e a carvão, são obtidos das três espécies florestais mais importantes, existentes no concelho. As madeiras,

porém, são fornecidas principalmente pelos eucaliptos e pinheiros, ao passo que o carvão resulta da transformação de lenha de sobreiro ou da de pinho, sendo necessárias cerca de três a quatro arrobas de lenha de sobreiro para dar uma arroba de carvão; se a lenha for de pinho a proporção já é diferente, pois é necessário uma quantidade maior para dar uma arroba de carvão.

No que respeita a medidas necessárias para o aumento da produção destes ou de quaisquer outros produtos florestais, parece-nos que bastará proceder à arborização dos terrenos actualmente incultos com as espécies mais indicadas para os fins que se tenham em vista e que sejam, também, as mais adaptadas ao meio. As mais aconselhadas serão, sem dúvida, por ordem de valor, o sobreiro, os pinheiros manso e bravo e o eucalipto.

16 - Embora seja bastante difícil apresentar valores absolutamente rigorosos sobre produções de cada um dos produtos florestais vamos, no entanto, tentar dar uma ideia dos resultados a que chegámos depois dos inquéritos efectuados, juntamente com os valores obtidos por organismos oficiais ou de coordenação económica.

Todavia, estes valores, em virtude da natureza do trabalho, estão sujeitos a rectificação futura em trabalhos mais demorados.

Assim, por inquérito directo, obtivemos valores de produção para os seguintes produtos:

Cortiça..... 3 arrobas por árvore média

Lenha..... 7,5 Kg., por árvore, na esgalha

Fruto..... 2 litros por árvore

Carvão de sobre . 3 a 4 arrobas de lenha para dar uma dg de carvão.

Cortiça extraída no concelho de Sines (arroba)

Anos	Dados da Junta Nacional da Cortiça (a)			Dados do I.N. de Es.
	Anadia	Virgem	Total	
1940	17.679	2.379	20.058	
1941	55.214	21.743	76.957	85.067
1942	23.743	6.233	29.976	40.400
1943	20.589	6.401	26.789	33.535
1944	29.188	5.753	32.911	47.533
1945	48.490	18.475	66.965	63.753
1946	53.715	6.285	59.998	48.667
1947	33.190	8.798	41.988	62.467
1948	37.511	8.718	46.229	41.800
1949	25.299	7.059	30.358	49.467
Total	322.563	69.844	412.209	472.667
Média	32.256,5	6.984,4	41.220,9	52.515,6

NOTA:- Em 1941, estão incluídas 30.699 arrobas de cortiça (19.998 (a) de anadia e 10.771, virgem, provenientes do ciclone.

Com valores fornecidos pela Junta Nacional dos Resinocesos, com seguimos elaborar o quadro seguinte, quanto a produções de resina no concelho.

Produção de resina no período 1947-1948

Anos	Número de incisões	Resina de exploração directa Kg.	Média por incisão Kg.	Valor em escudos	Preço médio por ferida escudos
1947	18.054	59.917	3,213	62.595,50	3,47
1948	18.034	47.351	2,620	46.765,70	2,69
1949	19.259	51.311	2,664	46.321,60	2,40
Total	55.347	158.479		155.600,80	
Média	18.442	46.160	2,505	31.886,893	2,61

17 - Quanto a preços médios unitários, dos produtos florestais na origem, foram os seguintes os valores a que chegamos:

Cortice:- a) - amadiz..... 18,00 a 22,00 (20,00)/arroba
 b) - virgem..... 12,00 a 15,00 (13,50)/arroba

Lenha :- a) - de sobre..... 80,00 a 100,00 (90,00)/tonelada
 b) - de pinho..... 20,00 a 30,00 (25,00)/tonelada
 (resulta do desbasto e é posta na fábrica).

Rama :- de pinho..... dada

Carvão :- a) - de sobre..... 8,00 a 9,00 (8,50)/arroba
 b) - de pinho..... 6,00 a 7,00 (6,50)/arroba

Entrecasco de sobre..... 18,00 /arroba

Resina :- a) - uma ferida por árvore... 3,20
 b) - duas feridas por árvore.. 6,00

Lista das fábricas de cortiça que se presumem
em actividade no concelho de Sines

Firma exploradora	Local	Actividade
Abel Raposo Alberto Tomé Amado António Faria Godinho & Cª Lda. António Jacinto da Costa & Cª Lda. Augusto dos Santos Paulito & Filhos, Lda. Corticeira de Sines, Lda.	Estrada Nacional, Sines Quinta das Flores, Sines S. Marcos, Sines	Preparadora " "
Doróteo Flecha Edmundo Prata Júnior Estevam António	Estrada de Ferreira, Sines Rua Pedro Alvares Cabral, Sines R. de Ferreira, 24 a 26, Sines	" "
Francisco António Correia	Estrada do Cercal, Sines Tanganteira da Ponta, Sines	Preparadora e transformadora
Francisco Carrilho da Costa	Praça da República, 22 Sines	Transformadora
Francisco Faria Godinho & Irmãos, Lda.	Rua Marquês de Pombal, 2 Sines	"
Francisco Eusébio Batista	Estrada de Ferreira, Sines	"
Francisco José Damásio	R. 1º de Dezembro, Sines Estrada do Cercal, 20, Sines Sítio da Ponte da Serva, Sines	Preparadora
Hanser & Fernandes, Lda. Henrique Bernardino Joaquim Prata	Estrada de Ferreira, Sines R. Gago Coutinho, 3 Sines Travessa Detraz do Castelo, Sines Rua Marquês de Pombal, 37 Sines	" Transformadora
Joaquim Roberto	"	"
José Gonçalves Marreiros (Jerd.)	Estrada do Cercal, Sines	Preparadora
José Maria Cabrita	Rua 1º de Maio, Sines	Transformadora
José Marreiros da Tosa	Rua Marquês de Pombal, Sines	Preparadora
Leônio Francisco Batista	Rua Dr. Francisco Luís Lopes, Sines	Preparadora
Lopes, Silva & Santos L	Largo de N. Sra. das Sal vas, Sines	Transformadora
Manuel Faria Godinho	R. Gago Coutinho, 25, Sines	Preparadora
Manuel do Nascimento Caetano	Estrada do Cercal, Sines	Transformadora
Mariama David Godinho	Largo da Central	Preparadora
Miguel Ricardo Raposo	R. Dr. Francisco Luís Lo pes	"
Monteiro & Fernandes, L.	S. Marcos, Sines	Transformadora
Pedro da Costa Leitão	Rua Marquês de Pombal, 125, Sines	Preparadora
Pedro Pereira Porfírio Sebastião Borges Gouveia Jr.	Sítio das Barradas, Sines	Transformadora
Victor Moraes	Rua Marquês de Pombal, Sines	"
	Bairro das Indias, Sines	Preparadora
		Transformadora

18 - No concelho, como anteriormente já o dissemos, as indústrias ligadas à exploração florestal, são a corticeira e a de serração de madeiras, não contando com as de marcenaria e carpintaria, pois que estas também existem sem haver exploração florestal, como sucede nalguns concelhos.

Talvez fosse de interesse dar maior incremento à indústria corticeira, especialmente na obtenção de derivados da corteira e montar pequenas indústrias de resinas para aproveitamento da resina produzida neste concelho e nos limitrofes, com o fim de se a proveitar o porto de Sines para a exportação dos produtos obtidos, como actualmente acontece com a corteira.

Para melhor elucidação, juntamos uma lista das fábricas de corteira existentes no concelho, fornecida pela Junta Nacional da Corteira.

19 - Os produtos resultantes da exploração florestal, têm o seguinte destino:

Ramas, madeiras e lenhas.....consumo local

Resinas.....mercado interno

Corticas.....mercado externo

A resina, como já o dissemos, é extraída por conta do industrial, que depois a labora na sua fábrica, destinando-se os seus produtos quer ao mercado nacional, quer à exportação.

A corteira, depois de extraída por conta do proprietário, é

vendida às fábricas, que normalmente também se dedicam à exportação por pertencerem a empresas exportadoras.

20 - No que se refere à mão de obra utilizada na exploração florestal do concelho, sómente conseguimos dados referentes aos trabalhos de poda e descortiçamento.

Para a poda são necessários cerca de 7 a 10 jornais para limpar um hectare de montado, recebendo cada homem um salário de 16,00 por dia de trabalho. Para o descortiçamento, os salários são já mais elevados e regulam por 25,00 diários, tirando cada homem cerca de 15 arrobas de cortiça por dia.

Para os outros produtos não nos foi possível obter dados relativos à mão de obra.

21 - Como dissemos anteriormente, as únicas indústrias existentes no concelho são a de serração de madeiras e a corticeira.

A primeira trabalha quase exclusivamente com o material produzido no concelho, dedicando-se simplesmente à transformação inicial do produto bruto. Estes produtos assim obtidos são depois vendidos às oficinas de marcenaria e carpintaria, que os utilizam nas suas obras, as quais se destinam, normalmente, ao mercado local.

Por sua vez, a indústria corticeira trabalha não só com os produtos do concelho, como também com os dos concelhos limítrofes, sendo o material produzido destinado quase totalmente à exportação.

28 - Pelo que nos foi dado observar, cremos não ser necessário, útil ou urgente modificar os actuais sistemas de exploração de cedro, em virtude de não haver explorações florestais perfeitamente organizadas que nos possam dar quaisquer informações que nos pudessem elucidar sobre o assunto, para desse modo se poder fazer uma conveniente apreciação do problema.

Para os pinhais, parece-nos que seria muito mais útil, tanto para o arvoredo, como para os seus proprietários, modificar-se o actual sistema de exploração, particularmente no que se refere à resinação. Esta operação, em nosso entender, deveria ser efectuada por conta do bens do pinhal e não por conta dos industriais, como agora se faz. Este sistema que se tem seguido, dá origem aos desmarcões que se verificam por quasi todos os pinhais do país, que se encontram submetidos à exploração de resina.

III - ARBORIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO CULTURAL -

- INCULTOS E BALDÍOS

A - Transformação cultural

23 - Devido à sua constituição (montados de sobreiro e pinheiros) e à natureza do terreno, podemos dizer que os povoados florestais existentes no concelho, se encontram bem localizados, quer sob o ponto de vista climático, quer sob o ponto de vista edáfico, pois que a sua regeneração natural é bastante fácil, especialmente no caso de sobreira na cota da serra. Portanto, em futuras arborizações, que porventura se vinhão a realizar, nos terrenos actualmente submetidos impróprioamento à cultura agrícola ou nos que se encontram incultos, haveria toda a vantagem em se recorrer a estes duas espécies.

B - Incultos

24 - Pelo anexo do quadro II (quadro resumo), verificamos que, no concelho, os terrenos incultos ocupam uma superfície de cerca de 460 Ha., o que dá, em relação à área total do mesmo, uma taxa de 2,4% ou 11,8% em relação à zona arborizada.

A maior parte destes terrenos, como anteriormente acentuamos, são considerados como terreno estéril, pertencendo na sua quasi totalidade a particulares. À Comuna Municipal pertencem 107,66 Ha; do baldío das Percebeiras, junto à costa, como veremos a se-

gair ao tratar dos baldios.

25 - A arborização destes incultos impõe-se, principalmente, a dos que se encontram mais próximos da costa, (dunas) para impedir os efeitos maléficos da invasão das areias nos terrenos actualmente ocupados pela cultura agrícola, além de contribuir também para um aumento da taxa de arborização, dando origem a uma maior produção de lenhas e madeiras.

26 - Pelas que nos foi dada observar e ouvir, supomos não haver grande dificuldade, por parte dos proprietários, na arborização de todos incultos desde que se lhes fornecessem todos os esclarecimentos e assistência técnica, além das sementes, para a sua execução, dentro das normas mais indicadas para cada um dos casos.

C-Baldios

27 - Os baldios existentes no concelho não estão sujeitos ao Regime Florestal.

28 - Os terrenos incluídos nesta categoria são todos camarários e não dão quaisquer rendimentos ao município, pois que os produtos são fornecidos gratuitamente a quem deles necessite. As áreas e denominações dos baldios são as seguintes: Parecebeiras (205,0375 Ha.), Cemitério (1,025 Ha.), Matadouro (0,725 Ha.) e Jagão (1,05 Ha.).

29 - Estes baldíos não estão sujeitos ao Regime Florestal, ou por que a sua área não o permite e se destinam a outros fins, como urbanização, alargamento do actual cemitério, etc.; ou porque a Câmara Municipal não tinha conhecimento das várias modalidades de submissão e não desejar alienar a posse dos seus terrenos (caso do baldio das Percebeiras). Deste último baldio sómente 15,3575 Ha. se encontram actualmente arborizados com pinheiro, apesar das tentativas que o município tem feito para recobrir os restantes 167,65 Ha. Seria desejo dos dirigentes dos destinos do concelho realizar o povoamento de toda a área inculta por todos os benefícios que isso acarretaria para a vila, mas todas as suas tentativas têm sido infrutíferas. Desejariam, portanto que os Serviços Florestais lhes prestassem todo o apoio necessário para a realização dessa obra, quer fornecendo-lhes as sementes, quer prestando-lhe a assistência técnica necessária para a sua execução.

IV - FIXAÇÃO DOS TERRENOS EROSIONADOS -**- CORREÇÃO TORRENTIAL**

(50, 51, 52, 53 e 54)

Neste concelho não encontramos casos nítidos de erosão profunda, pelo que, para melhor e maior facilidade de exposição, agrupamos todas as questões deste capítulo, em vez de as descrevermos separadamente, o que também já fizemos para outros concelhos.

Devido à sua configuração, poderemos dividir a área do concelho em duas zonas, como se encontre exposto no Relatório Agronómico (I Parte), a saber:

I) - Zona serrana

Esta zona abrange cerca de 18% da área total do concelho e ocupa a parte nacente do mesmo no seu limite com o de Santiago de Cacém. Possui declives mais ou menos pronunciados e de aspecto bastante uniforme. As suas partes altas têm os cumes mais ou menos arredondados. Os seus vales são, por vezes, muito apertados.

É nesta zona, como anteriormente o dissemos, onde predomina o sobreiro, encontrando-se, também, algumas parcelas de eucaliptos.

Como não podia deixar de ser, é nesta zona que se encontram as maiores altitudes, com um máximo de 316 m. e um mínimo de 80 metros.

Além do seu revestimento arbóreo, esta zona acha-se convenientemente bem revestida de mato com esteva, urze, tojo, romaniño, feto, etc.

Em face deste revestimento e também por estar pouco sujeita à cultura agrícola, é nesta zona onde os fenómenos da erosão são menos intensos. É aqui que têm origem os principais cursos de água que atravessam o concelho com destino ao mar.

Como se sabe, uma das razões que contribuem para a intensidade da erosão nas zonas montanhosas, é a falta de revestimento vegetativo das suas encostas ou a mobilização do solo. Ora, neste caso não se dão estes dois factos, ou se se dão é numa pequena parcela da zona. Por tudo isto diremos que nesta região a erosão é pouco intensa.

II) - Zona plana, também chamada zona de charneira ou das areias.

Ocupa toda a parte restante do concelho, ou seja, 82%. Em relação às suas características, pode ser dividida, ainda, em sub-zonas como segue:

- a) - Sub-zona da Costa Norte..... 17%
- b) - Sub-zona da Costa Sul..... 61%
- c) - Zona dos granitos ou "chãos".... 4%

Esta segunda zona situa-se próximo do mar e é cortada por algumas linhas de água, que, como dissemos, têm origem na zona serrana. Destas, amas correm em vales fundos, de encostas mais ou menos abruptas, tais como as que desaguam na Costa Sul; ao passo que

outras, cujas águas são levadas para a Costa Norte, apresentam as suas margens com declives muito mais suaves.

As elevações atingem valores muito menores, sendo a sua máxima cota de 107 metros.

Ao contrário da outra zona, a espécie aqui predominante é o pinheiro bravo, principalmente na sub-zona da Costa Norte, aparecendo ainda o sobreiro e o eucalipto. Este, em pequenas parcelas irregularmente distribuídas, enquanto que o sobreiro se encontra a revestir os terrenos das encostas das margens dos cursos de água mais importantes e que apresentam declives mais acentuados.

É dentro da primeira sub-zona (a da Costa Norte) que nos aparecem os inóculos ocupando maior extensão pois que nas outras duas sub-zonas se pratica em maior escala a cultura agrícola.

Em face do que acabamos de expor, verifica-se que é nesta segunda zona - zona plana - onde se fazem sentir e são mais de todos actualmente os fenómenos da erosão e muito especialmente, os devidos ao movimento das areias.

Devido não só à natureza do terreno, como ainda ao facto de se encontrar pouco revestido de vegetação quer rasteira quer arbórea e também por se encontrar submetido à cultura agrícola, mais ou menos intensiva, estes solos são facilmente arrastados pelas águas das chuvas.

Estas depois transportam todos os materiais desagregados para os rios e ribeiros, que, por sua vez os levam para o mar.

Finalmente, quando a água do mar se retira ou afasta da costa, durante a maré baixa, a areia seca e uma grande parte, lava - dissima e moída, é transportada pelo vento para o interior da região.

E este fenómeno de invasão das terras, normalmente submetidas à cultura agrícola, pelas areias vindas do mar e que mais se deve temer neste concelho, precedido, claro está, do arraste das terras de cultura do interior efectuado pela água das chuvas e dos rios, davido à falta de revestimento vegetativo.

São estes, pois, os principais problemas motivados pela erosão no concelho, e seus aspectos.

Quanto às obras necessárias para estabilizar a erosão, julgamos ser suficiente um melhor e mais adequado revestimento do solo, principalmente com vegetação rasteira, para impedir o arraste das terras para o mar, além da formação duma cortina de abrigo, pela arborização dos incultos ao longo da costa, a fim de proteger os terrenos de cultura da invasão das areias das dunas.

V - ASSUNTOS DIVERSOS

55 - Embora existam, no concelho, duas fábricas de serração de madeiras, não se nota qualquer tendência no movimento comercial de madeiras de qualidade. Estas fábricas, como anteriormente o dissemos, utilizam sómente os produtos locais para a sua laboração e alguma, muito pouca, madeira proveniente doutros pontos do país.

Por sua vez, as oficinas de carpintaria e marcenaria, que existem, no concelho, trabalham simplesmente com a madeira produzida nas fábricas de serração.

56 - No concelho não existem viveiros florestais quer do Estado, quer de particulares ou, mesmo, de outras entidades.

57 - Este concelho não possui cursos de água onde o fomento da piscicultura tenha interesse, pois estes cursos são de caráter temporário. Todo o peixe que aqui se consome é de origem marítima, pescado pelos naturais da vila.

58 - Aparecem na região as seguintes pragas florestais, cujo combate se deveria realizar:

- a) Burgo, nos montados de sobre
- b) Processionária, nos pinhais
- c) Cobrilha

39 - O sobreiro, como esséncia de particular valor nacional tem sido, neste concelho, pouparado a desmandos da parte dos lavradores como cortes abusivos e mutilações condenáveis.

40 - Pelo que nos foi dado observar, constatámos que a resinagem, duma maneira geral é mal conduzida, especialmente no que se refere às dimensões das feridas. Estas são exageradas, como tivemos ocasião de constatar em algumas medições efectuadas: largura 10 a 11 cm.; profundidade 2 a 3 cm.; altura 60 a 70 cm. e mais.

Conviria, por isso, fazer-se uma maior e melhor propaganda a favor da resinagem com as suas vantagens e inconvenientes, sendo de aconselhar também que fosse realizada por conta do proprietário e não, como actualmente, por conta dos industriais.

41 - A "carreia" nos sobreiros não é prática muito generalizada, supomos que por efeito dos curtos de podadores que se têm efectuado, ultimamente, nesta zona do país.

42 - Também devido às mesmas razões, segundo cremos, não há desmandos na prática do descortiçamento.

43 - Não nos parece útil, nem eficiente, o aumento do número de gnos de criação da corteça com o fim de melhorar a sua qualidade, pois o produto é, em geral, ordinário. Duma maneira geral, os compradores pagam-na com uma redução de 6% em relação à dos ou-

tres concelhos.

44 - Actualmente, não existem no concelho espécies florestais que desempehem complemento indispensável na exploração de prados (pastos arbóreos).

T E R C I A R A P A R T E

O S P R O B L E M A S D O C O N C E L H O

GENERALIDADES

Neste concelho a exploração do solo assenta na cultura agrícola de sequeiro, na florestal e, em escala muito reduzida, na agro-bastiva e regada.

Cerca de 10% da sua área total está povoada de sobreiros e pinhal brevo aqueles, na zona mais interior e junto de algumas nascentes de água e este nas proximidades do mar, junto da costa do Ribeiro.

A área restante não é toda aproveitada agricolaamente, embora ainda apareça o inculto incultivável ocupando cerca de 3,0% e extensas terras de pastagem, sujeitas a larguissimos pausios que, no fundo, não passam de incultos incultiváveis.

Desta extensificação cultural e do aproveitamento de todas as suas possibilidades resulta a má distribuição da mão de obra ao longo do ano e a baixa produção unitária média. Para a solução destes problemas necessário se torna equacionar e resolver outros que estão em íntima relação com eles.

I - MÃO DE OBRA

Embora o problema não apresente a gravidade que se patenteia em tantos outros do Baixo Alentejo, no entanto a sua solução não deixa de interessar, durante quatro meses do ano, a cerca de 400 indivíduos activos que sem trabalho,

Torna-se evidente, que a solução não pode encarar-se separadamente, mas sim nas suas íntimas relações com o aumento de produção média unitária que possa conseguir-se pelo total aproveitamento de toda a capacidade criadora das terras em cultura ou que venham a ser exploradas.

II - CONSERVAÇÃO E DEFESA DO SOLO

Este é, talvez, o concelho do Baixo Alentejo onde os efeitos da erosão são menos pronunciados não deixando, contudo, de assumir aspectos de considerar.

Todo o concelho, bem como todos os solos agrícolas em geral, estão continuamente sujeitos aos efeitos da erosão porque nela tem origem o seu processo de formação, no entanto só se notam profundos efeitos, e consequentemente com interesse imediato, em restrições manchadas da parte acidentada, onde afloram as águas das chuvas que a ausência de vegetação não regularizou, nas arribas do mar, onde se faz sentir os efeitos de intenso abrasão, nos meandros e extériores de alguns ribeiros, quando os cedais saem fora dos seus leitos naturais e, junto à costa, formando dunas, quando a queila é baixa e os ventos dominantes a rasam.

No defesa e conservação dos solos, há ainda a considerar os efeitos degradantes da ação directa do homem com a sua desordem da exploração, provocando o desequilíbrio bioquímico, que sempre antecede o dinâmico, nos terrenos sujeitos à cultura.

III - ÁGUAS

Apresenta três modalidades diferentes o aproveitamento na região dos recursos aquíferos:

Represamento

Em dois dos principais cursos de água - ribeiras de Provença e Morgável - é possível técnica e economicamente a construção de Albufeiras, as quais podem armazenar água e levar ao regadio centenas ou milhares de hectares; mas, para ser exequível, torna-se necessário estabelecer em cada uma delas, estações de bombagem, porque os terrenos a beneficiar desta obra situam-se em plano superior, muitas embora existam terrenos a jusante, com aptidão para o regadio mas, devido à exiguidade da área não comportam o encargo daí resultante.

Defesa e enzaga de foz da ribeira de Moinhos

Torna-se necessário construir, junto à foz desta ribeira, um dique que evite a entrada da água do mar durante as marés vivas (que chegam a submergir mais de 100 ha. de terra em cultura de arroz) e que simultaneamente represa, durante a época das chevas, as águas que ali afluem carregadas de materiais e se depositam quando há quebra de velocidade, aumentando extraordinariamente a fertilidade daqueles solos.

Além dos benefícios apontados, esta obra torna possível levar à cultura, cerca de 25 ha., que constituem um sapal improdutivo devido ao elevado teor saline.

Aguas subterrâneas

Parece possível obter caudais económicos com furos de sondagem todo o concelho, na formação pliocénica, pelo que seria de tentar, o seu preliminar estado, com alguns furos de ensaio, até aos 25 ou 35 metros de profundidade.

IV - DISCIPLINA CULTURAL

Entre as culturas actuais cujo fomento deve ser preservado, encontra-se, em primeiro lugar, a vinha e a figueira, que possuem assegurada a adaptação ao meio, com as quais se podem valorizar os solos arenosos protegidos dos ventos norteiros de N.O. por abrigos naturais ou artificiais.

Com a adaptação, que julgamos assegurada, às várias condições do meio e pelo valor dos seus produtos, pode indicar-se, para serem introduzidas na cultura as seguintes plantas, em rotações convenientemente estudadas onde sejam intercaladas com algumas das actuais:

Serradela	Berain
Zervilhasca	Toje

Linho	Plantas aromáticas
Rioino	Plantas medicinais

V - ARBORIZAÇÃO

Com o repovoamento florestal procurar-se-á o aproveitamento dos solos inóditos, defendendo dos agentes erodentes algumas terras em perigo e proteger dos efeitos prejudiciais dos ventos de mar as próximas culturas.

O repovoamento florestal deste concelho apresenta-se sob vários aspectos, pelo que será necessário considerar duas manchas principais:

- mancha serrana, onde as encostas foram desprotegidas do seu santo vegetacional lenhoso, pela ação directa ou indirecta do homem; torna-se necessário o seu revestimento com sobreiro e qual pôde ser efectuado pela regeneração natural ou artificial, procurando manter o sub-bosque protector, onde ainda existe ou for aparecendo, tentando simultaneamente substituir, por outras, as actuais associações florísticas típicas destes solos, quando se encontram em franca degradação, as quais sendo melhoradoras, podem ainda fornecer pastagens, frutos, etc. com variadas utilidades concorrendo concomitantemente para o melhoriaamento da qualidade da cortiga. As plantas mais indicadas para este fim são o tojo e o medronheiro e mais algumas leguminosas adaptáveis.

• mancha da orla litoral, estende-se da lagos da Sancha, ao Rio Te, até ao Forte do Pescadouro, a Sul. Nesta mancha deve constituir-se uma cortina de vegetação, de pinheiro bravo ou manco, com largura variável a qual, protegerá as culturas do interior e valorizará solos incultos, fixos ou nevadiços, que abrangem extensas parcelas.

VI - MATERIA ORGÂNICA

Só algumas hortas ou cerpados, junto às habitações, e uma ou outra folha, onde se instale o berde beneficiam de fertilizações orgânicas; deste modo elevadíssima percentagem de terras agrícolas só beneficiam, para manter produções remuneradoras, de poucos milhares ou menos extensos e das adubações químicas.

Para combater tal estado de coisas, que invariavelmente conduz ao baixo rendimento médio unitário verificado, torna-se necessário obter o indispensável equilíbrio entre a área cultivada e a matéria orgânica produzida.

Isto, pode ser tentado da seguinte forma:

- 1) - aproveitando os estrumes da serraria e aumentando os efectivos pecuários;
- 2) - preparando estrumes artificiais recorrendo, para tanto, à exploração de matos e aproveitando a manta morta dos pinheiros existentes ou a constituir;
- 3) - introduzindo forragens e siderações nas rotasões.

VII - DIVERSOS

Outros problemas se podem apontar e que necessitam de solução mas que, pelo seu caráter geral, se consideram comuns a todas as zonas do país.

- 1) - assistência financeira
- 2) - assistência técnica
- 3) - regulamentação dos contratos da parceria e arrendamento
- 4) - organização de cooperativas de produção e transformação